

Atividades de Enriquecimento Curricular: Perspetivas dos atores sobre a sua importância no 1.º CEB

Importância das atividades de enriquecimento curricular no ensino

DIANA ASSUNÇÃO FELICIANO RODRIGUES

Prova destinada para a obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Agosto de 2020

VERSÃO DEFINITIVA

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação

Prova destinada para a obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: PERSPETIVAS DOS
ATORES SOBRE A SUA IMPORTÂNCIA NO 1.º CEB**

Importância das atividades de enriquecimento curricular no ensino

Autora: Diana Assunção Feliciano Rodrigues

Orientador: Professora Doutora Ana Patrícia Almeida

Agosto de 2020

Agradecimentos

Para a realização deste trabalho final foi possível contar com todo o apoio de uma grande equipa académica, a minha orientadora de trabalho, toda a minha família, em especial o meu noivo, amigos de longa data e colegas de turma. Um grande obrigado.

Resumo

O estudo foi realizado durante o percurso acadêmico, no Mestrado de qualificação para a docência em Pré-Escolar e Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico, com o tema das Atividades de Enriquecimento Curricular. Este tema surgiu de dúvidas decorrentes de estágios realizados no âmbito da educação. Tendo o intuito de comparar a teoria com a realidade, no que diz respeito às Atividades de Enriquecimento Curricular, a partir das concepções dos diferentes atores envolvidos nesta temática.

Para compreender esta temática, foi analisada alguma literatura relacionada com os temas que este estudo abrange e resultante dessa análise surgiu a problematização, as questões de pesquisa, os objetivos gerais e específicos e a abordagem geral de investigação. Alguns dos objetivos que surgiram após a formulação das questões de pesquisa, foram, analisar a forma como é feita a seleção das Atividades de Enriquecimento Curricular mediante o contexto de cada escola, conhecer a relação entre os Professores Titulares de Turma e o Professores Atividades de Enriquecimento Curricular e qual o modo de articulação entre eles, conhecer o caráter lúdico das Atividades de Enriquecimento Curricular, entre outros.

Para atingir estes objetivos, este estudo adotou uma abordagem geral metodológica qualitativa e quantitativa e utilizou como técnicas de recolha de dados, as entrevistas realizadas aos Professores Titulares de Turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico, aos Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular, aos alunos do 1.º Ciclo e à Coordenadora de Estabelecimento e a aplicação de questionários aos Encarregados de Educação.

No final deste estudo foi possível tecer algumas considerações finais, nomeadamente, o pouco interesse de alguns atores no que diz respeito à flexibilização do horário como possível estratégia promotora de um maior envolvimento entre os intervenientes e a difícil relação entre a escola e a família, que apesar do interesse mútuo de participação tanto na vida escolar, como na vida familiar, pouco fazem para que haja essa articulação.

Palavras-Chave

Escola; Família; Atividades de Enriquecimento Curricular; Escola a Tempo Inteiro;

Abstract

The study was conducted during the academic course, in the Master's qualification for teaching in Preschool and Primary Education 1st Cycle, with the theme of Enrichment Activities Curricular. This theme arose from doubts about the current stages of education. In order to compare the theory with the reality, with regard to the Activities of Curricular Enrichment, from the conceptions of the different actors involved in this theme.

To understand this theme, we analyzed some literature related to the themes covered by this study and resulting from this analysis, the problematization, the research questions, the general and specific objectives and the general approach of research. Some of the objectives that emerged after the formulation of the research questions were to analyze the way in which the selection of the Activities of Curricular Enrichment is made through the context of each school, to know the relationship between the Professors of the Class and the Professors Activities of Curricular Enrichment and how to articulate them, to know the playful character of the Activities of Curricular Enrichment, among others.

In order to achieve these objectives, this study adopted a general qualitative and quantitative methodological approach and used as data collection techniques, the interviews conducted with Class Professors of the 1st Cycle of Basic Education, to the Teachers of Activities of Curricular Enrichment, to the students of the 1st Cycle and to the Coordinator of Establishment and the application of questionnaires to the Guardians of Education.

At the end of this study it was possible to make some final considerations, namely, the low interest of some actors regarding the easing of the hours, as a possible strategy promoting greater involvement between stakeholders and the difficult relationship between school and family, which despite the mutual interest in participation both in school life and in family life, do little to achieve this articulation.

Keywords

School; Family; Curriculum Enrichment Activities; Full-time school;

Índice geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	vi
Lista de siglas	vii
Índice de figuras e tabelas	viii
Introdução	1
Parte I - Quadro teórico.....	4
Capítulo I – Origem e evolução do regime de Escola a Tempo Inteiro	5
1.Relação Escola / Família.....	6
2.Escola a Tempo Inteiro.....	9
3. Atividades de Enriquecimento Curricular.....	14
4. Quadro político-legal.....	17
Parte II - Estudo empírico	25
Capítulo II – Metodologia	26
1.Problematização	26
2. Questões de pesquisa e objetivos.....	29
3. Abordagem geral de investigação.....	32
4.Percurso metodológico.....	33
4.1.Contexto do estudo.....	34
4.2. Participantes.....	36
4.3.Técnicas de recolha de dados.....	37
4.3.1. Entrevistas.....	39
4.3.2..Questionários.....	41
4.4. Processo de análise de dados.....	42

Capítulo III - Análise de dados e discussão dos dados.....	43
1.1. Análise e discussão dos dados.....	43
Considerações finais	55
Referências bibliográficas.....	58
Fontes	60
Anexos	62
Anexo I – Entrevista aos Professores de Titulares de Turma	1
Anexo II – Entrevista aos alunos.....	10
Anexo III – Entrevista aos Professores de AEC	19
Anexo IV – Entrevista à coordenadora	24
Anexo V – Recado aos pais dos alunos.....	30
Anexo VI – Questionários aos pais	32

Lista de siglas

- AAAF - Atividades de Animação e Apoio à Família
- ACC - Atividades de Complemento Curricular
- AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular
- AED – Atividade Física e Desportiva
- AML - Área Metropolitana de Lisboa
- CAF - Componente de Apoio à Família
- CEB - Ciclo do Ensino Básico
- EE – Encarregados de Educação
- EP – Expressão Plástica
- ETI - Escola a Tempo Inteiro
- LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo
- ME – Ministério da Educação
- PAEC – Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular
- PTT – Professores Titulares de Turma
- TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

Índice de figuras e tabelas

Figura 1 – Síntese de mudanças com a ETI e as AEC.....	12
Figura 2 – Aspectos das abordagens quantitativa e qualitativa	33
Figura 3 – Imagem satélite da Escola Básica	34
Tabela 1 – Síntese do processo de recolha de dados	37
Gráfico 1 - Sugestões dos Encarregados de Educação.....	49

Introdução

Este estudo surgiu no contexto de trabalho final de mestrado de qualificação para a docência e de curiosidades por parte da investigadora, que surgiram durante a sua formação académica na área da educação, mais precisamente na sua formação específica em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este tema surgiu de dúvidas decorrentes de todos os estágios realizados no âmbito da educação, sendo estas, o ponto de partida para uma reflexão sobre as Atividades de Enriquecimento Curricular.

O tema Programa das Atividades de Enriquecimento Curricular no 1.º Ciclo do Ensino Básico, designado por AEC, está previsto por Decretos-lei, Despachos e Portarias, nomeadamente a mais recente, Portaria n.º 644 -A/2015, de 24 de agosto, que refere na sua contextualização que “...cada estabelecimento de ensino do 1.º ciclo garante a oferta de uma diversidade de atividades que considera relevantes para a formação integral dos seus alunos e articula com as famílias uma ocupação adequada dos tempos não letivos.” Neste sentido, esta Portaria prevê que este programa de atividades compreende uma multiplicidade de intervenientes da comunidade escolar, nomeadamente, Professores Titulares de Turma (PTT), Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular (PAEC), Coordenadora, famílias e alunos.

Este conjunto de intervenientes suscita interesse no que diz respeito, à relação entre eles, em unir esforços para atingir os objetivos deste programa e às suas dinâmicas individuais e em grupo. Após a revisão de alguns estudos realizados dentro da mesma temática, foi possível verificar-se que existe pertinência em estudar este tema, principalmente estudá-lo em campo, diretamente com quem convive diariamente com esta realidade. Desta forma, foi possível conciliar este estudo com o contexto do estágio, o que facilitou o acesso da investigadora aos participantes e ao terreno, o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A realização do estudo possibilitou o aprofundamento de conhecimentos preliminares sobre o tema, conhecer dinâmicas no terreno, responder a questões de pesquisa, reforçar motivações, interesses pessoais e profissionais, particularmente pela

organização e gestão das Atividades de Enriquecimento Curricular junto de todos os atores nelas participam.

Para a concretização do estudo foram definidas questões de pesquisa, tais como, de que forma a implementação das Atividades de Enriquecimento Curricular complementam o ensino curricular na perspetiva dos intervenientes ou quais são as AEC que melhor contribuem para o desenvolvimento dos alunos, na opinião dos Professores Titulares de Turma e da Coordenadora.

De seguida, surgem os objetivos, tais como, conhecer a opinião dos intervenientes sobre a relação entre os Professores Titulares de Turma e os Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular ou identificar quais os pontos de articulação entre eles, estas questões e estes objetivos foram desenvolvidos durante o contexto educativo e trabalhados através de uma investigação qualitativa. Nomeadamente observações não-participante e participantes, conversas informais, notas de campo retiradas durante o estudo, conversas formais através de entrevistas e questionários.

A revisão da literatura, o desenvolvimento do estudo e as considerações finais, neste documento foram organizadas em duas grandes partes, que se dividem capítulos e cada capítulo divide-se em temas e subtemas.

Na parte I, encontra-se o Quadro Teórico que é composto pelo Capítulo I, que diz respeito ao tema da Origem e evolução do regime de escola a tempo inteiro, dividindo-se em subtemas onde é feita uma abordagem teórica à Relação escola – família, à Escola a Tempo Inteiro, às Atividades de Enriquecimento Curricular e ao Quadro político-legal. Segue-se a Parte II, que relata o Estudo empírico e é composto pelos Capítulos II e III, o Capítulo II diz respeito à Metodologia utilizada durante a investigação, dividindo-se também em subtemas de abordagem teórica, nomeadamente a Problematização, as Questões de pesquisa e objetivos, a Abordagem geral da investigação e o Percorso metodológico. O Capítulo III, diz respeito à Análise e discussão de dados, encontrando-se também dividido em subtemas, tais como o Processo de análise de conteúdo. Por fim, encontram-se as Considerações finais do estudo retiradas pela investigadora, onde esta confrontou a informação retirada da realidade com a literatura recolhida

anteriormente sobre a Escola a Tempo Inteiro e as Atividades de Enriquecimento Curricular.

Parte I - Quadro teórico

Capítulo I – Origem e evolução do regime de Escola a Tempo Inteiro

Neste capítulo, a investigadora aborda teoricamente a origem da Escola a Tempo Inteiro e a sua evolução com o passar do tempo, começando por falar sobre o que é que originou este regime, o público alvo e os seus intervenientes, as atividades implicadas nesta nova realidade e o seu quadro legal.

Neste sentido, o meio escolar público, a instituição, os professores e os alunos são os principais intervenientes e partes essenciais para o funcionamento da escola, por isso, a investigadora teve em conta neste estudo, todos estes atores. Nomeadamente a família, que por meio da localização da sua residência habitual fica sujeita, na maioria dos casos, à instituição educativa mais próxima, sendo que nela irá deixar os seus educandos e as suas perspetivas, com o objetivo de observar uma evolução no desenvolvimento dos seus educandos.

Surgindo assim, a escola como uma segunda casa para estes educandos durante o período laboral das famílias, tendo em conta que este período laboral das famílias é distinto de família para família, a necessidade dos alunos serem acompanhados durante mais tempo na escola começou a ser evidente. Esta necessidade foi promovendo uma tensão na relação da família com a escola, assim, com o objetivo de dar resposta a esta situação, a escola implementa um novo regime de complemento ao regime curricular já existente, o regime de Escola a Tempo Inteiro.

O regime de Escola a Tempo Inteiro surge com vários propósitos, nomeadamente de ajudar e facilitar a vida das famílias na organização e gestão dos seus horários e de criar momentos de aprendizagem rica, não letiva e não formal para os seus alunos.

Neste sentido, cabe à escola com o regime de Escola a Tempo Inteiro, promover a evolução dos alunos com a introdução do Apoio ao Estudo, este apoio tem em vista um reforço à aprendizagem do conteúdo curricular com um acompanhamento personalizado do aluno.

Para além da introdução do Apoio ao Estudo, na componente não letiva, foi introduzida também as Atividades de Enriquecimento Curricular, designadas pelos

agrupamentos para as escolas de 1.º Ciclo do Ensino Básico, estas devem promover um ambiente propício ao desenvolvimento de novos conceitos e de novas aprendizagens, sendo de caráter facultativo.

1. Relação Escola / Família

A família é a unidade institucional básica da sociedade primariamente responsável pelas funções de desenvolvimento, educação e socialização que envolvem necessidades físicas, suporte emocional, oportunidades de aprendizagem, orientação moral, desenvolvimento da resiliência e autoestima de uma criança. (Relvas, 1996, cit. in Simões, 2013, p.62)

Tal como refere Relvas (1996, citado por Simões, 2013) a família tem um papel crucial no desenvolvimento pessoal e social da criança, bem como na sua educação. Ao desempenhar este papel, a família vai estabelecendo uma relação com a escola, tornando-se, assim, uma parceira da comunidade escolar.

Contudo, para que esta parceria com a comunidade escolar seja vantajosa para todos os intervenientes desta comunidade, deve existir uma diferença entre a criança como aluno, num ambiente escolar e a criança como educando, em sua casa e com a sua família.

Isto é, o papel da escola surge como educadora da criança durante o período letivo em forma de complemento do papel da família que surge como principal cuidador e promotor de bem-estar ao longo do seu crescimento. Como afirma Marques (2001), sobre a tutela da escola e da família “não restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores da criança e ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores são parceiros, devem unir esforços, partilhar objetivos...” (p.12).

Esta parceria, deve ser mantida por ambas as partes, tanto pela família como pelos professores, demonstrando, assim, o mútuo interesse no sucesso escolar da criança e no seu bem-estar. Este sucesso escolar da criança, passa pela participação das famílias na vida escolar, de forma ativa e pertinente, segundo Almeida (2009 citado por

Simões 2013) “as escolas com melhores resultados escolares são aquelas que apresentam melhores índices de participação dos pais.” (p. 96)

Contudo, esta parceria entre a escola e a família “pode consistir numa relação armadilhada” (Silva, 2003, p. 76), fala-se em “relação armadilhada”, no sentido em que, nem sempre esta parceria entre a escola e a família é fácil, tendo em conta que abrange múltiplos papéis sociais dentro de uma comunidade, com opiniões e formas de estar e ser diferentes, isto pode causar conflitos de interesses e discordâncias. Como corrobora Silva, (2003 citado por Simões, 2013), “esta relação entre escolas e famílias... Trata-se de uma relação que envolve uma multiplicidade de atores sociais, cada um deles relativamente heterogéneo, podendo perseguir interesses diferentes” (p. 96). Como refere Silva, os diferentes intervenientes dentro do seio familiar e da escola, para além de diferentes interesses, podem evidenciar outros desajustes, tais como, nos seus horários, entre a escola e a família.

Posto isto, Silva (2017) refere que no decorrer do tempo, começou a ser evidente “a necessidade de alargar para a escola a função de guarda e cuidado dos filhos, numa perspetiva de apoio à família.” (p. 7). Como resposta, a uma sociedade que com o passar do tempo reformulou-se, no que diz respeito aos direitos das mulheres com a entrada da mulher no mercado de trabalho (Barroso, 2014), esta situação trouxe às famílias necessidade de repensar nos seus horários, recorrendo, assim, a outros canais associativos à escola e em componentes de apoio aos seus educandos, com o propósito de ocupar os tempos não curriculares.

Neste sentido, o horário escolar começou a ser uma problemática para pais e familiares que não tinham possibilidades de ir buscar os seus educandos no horário que a escola estipulava. Horário este que abrangia maioritariamente, o período da manhã e o início da tarde (15h00 / 15h30) ou, no caso de algumas escolas, com regime de horário duplo, com um turno de manhã e outro de tarde, estes horários face ao horário laboral das famílias não era, na maior parte delas, compatível.

Sendo que, o período laboral dos Encarregados de Educação, pode decorrer entre muitos horários diferentes, quanto mais tempo a escola pudesse receber os seus educandos, menos as famílias iriam precisar de recorrer a respostas externas e privadas

para conseguirem consolidar os seus horários com a escola. Esta situação começou por afetar “sobretudo populações mais carenciadas que não tinham condições de recorrer à oferta privada” (Pires, 2014, p. 8) que ao tentarem contornar esta situação, viram-se “forçadas” a tomar novas decisões relativamente a esta problemática, trazendo severas consequências ao nível da educação no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tais como a diminuição da frequência escolar por parte dos seus educandos.

Ao verificar-se que a diminuição da frequência escolar dos alunos, deveu-se ao horário pouco favorável, esta situação, tornou-se um ponto de partida para a existência de uma tensão na relação entre a escola e a família. Posto isto, as famílias começaram a pressionar a escola, relativamente ao alargamento do horário escolar, pois a desistência dos seus educandos nos primeiros anos de escola, tornou-se uma decisão inviável para o futuro destas crianças (Barroso, 2014). Esta desistência por motivos organizacionais, contraria o principal objetivo da escola pública, que deve ser acessível a todas as crianças da comunidade e promotora de igualdade de oportunidades.

Posto esta situação, o Ministério da Educação teve de interferir e realizar novas mudanças no sistema educativo e pedagógico, para conseguir dar resposta às progressivas desistências dos alunos no 1.º Ciclo do Ensino Básico e à pressão da sociedade envolvente.

Transformar a escola pública em escola a tempo inteiro, tornando acessível a todos um serviço essencial para a compatibilização entre trabalho e família até então apenas disponível no sector privado, foi o objectivo que deu sentido a um vasto conjunto de intervenções sobre o primeiro ciclo do ensino básico. (Rodrigues, 2010, p.55)

Na perspetiva de Rodrigues (2010), surge assim o conceito de Escola a Tempo Inteiro (ETI), com o objetivo de dar resposta aos novos horários laborais das famílias, alargando o horário escolar para as 17h30, ocupando a tarde das crianças e facultando-lhes para além do almoço, o lanche da tarde. Esta ocupação dos tempos não-curriculares das crianças foi adaptada com o objetivo de tornar estes tempos produtivos e como uma componente de apoio às famílias.

2. Escola a Tempo Inteiro

Esta componente de apoio às famílias trás consigo novos conceitos, novos modelos de aprendizagem e uma nova dinâmica que a escola deve adaptar-se. Um dos novos conceitos desta componente de apoio às famílias é o conceito de Escola a Tempo Inteiro, que tentou colmatar a situação anterior. Contudo, este novo conceito não surgiu ao mesmo tempo em Portugal, por isso se diz que ao falar-se em Escola a Tempo Inteiro (ETI):

Existe uma certa ambiguidade, “presente, por exemplo, no facto de a “Escola a Tempo Inteiro” designar políticas emblemáticas desenvolvidas por partidos diferentes, como foi o caso do PSD Madeira que a introduziu nesta região autónoma em 1995, e da ministra da educação do PS, Maria de Lurdes Rodrigues, que a introduziu no Continente em 2005. (Pires, 2014, p. 8)

A implementação da ETI, em Portugal Continental surge com uma diferença de dez anos para a região autónoma da Madeira, trazendo consigo alterações curriculares ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estas alterações, visam o reforço do serviço público de educação de modo a integrar socialmente as crianças e em consequência, o aumento do tempo de exposição das crianças ao contexto educativo (Pires, 2014).

Este aumento de exposição ao contexto educativo, implicou objetivos a cumprir, dois desses objetivos e principais, eram uma carga horária “escolar completa para todos e (...) proporcionar uma medida de “compreensão” visando a promoção da igualdade de oportunidade no acesso a atividades paraescolares (desportivas, artísticas, culturais, etc.)” (Pires, 2014, pp. 8 - 9). Com uma carga horária dos alunos alargada como medida de apoio às famílias, foi necessário, um reforço do serviço público que fez com que as escolas fossem “chamadas a assumir funções mais amplas nas sociedades contemporâneas” (Cosme & Trindade, 2007, p.13), tendo em vista a educação integral do aluno. A educação integral do aluno, tem por base, reorganizações pedagógicas que compreende mudanças na missão da escola, no currículo, na gestão e administração e nas relações entre a escola e a família (Pires, 2014).

Segundo Pires (2014) estas reorganizações no meio escolar, remetem-nos para três dimensões diferentes, a dimensão educativa, que passa pela diminuição dos tempos livres das crianças, ocupando-os com atividades e pela permanência dos alunos na escola em duas vertentes, a vertente curricular base e a vertente de apoio escolar e das expressões. A dimensão política que passa pela reorganização do conceito de escola pública e por fim, a dimensão administrativa com um novo modelo de acordos e prestações de serviços através de autarquias locais, públicas ou privadas. As autarquias locais (públicas ou privadas), tornam-se assim os principais parceiros das escolas públicas.

No decorrer destas reorganizações, foram surgindo vantagens e desvantagens para os alunos, pais e comunidade escolar, para os alunos, pedagogicamente, a vantagem coloca-se na igualdade de oportunidades “(...) oferecendo aos alunos novas oportunidades de aprendizagem que passam pela implementação de AEC (...)” (Pires, 2007, p.79), contudo a desvantagem passa pelo “(...) intensificando assim o tempo de “trabalho escolar” do aluno (Perrenoud, 1995; Sembel, 2003) e reduzindo a possibilidade de existência de autênticos “tempos livres”(...)” (Pires, 2007, p.79).

Para os pais, a vantagem é financeiramente pois não têm de procurar alternativas privadas para ocupar o tempo dos seus educandos enquanto estão em período laboral, como corrobora (Pires, 2007, p.80) “(...) a implementação das AEC ter vindo a gerar a perda de “utentes” (...) pelos “centros de actividades de tempos livres” (ATL) privados (...)” contudo, os encarregados de educação têm de se responsabilizar pelo material para frequência das AEC da escola, nomeadamente o fato de treino e os ténis para Atividade Física e Desportiva.

Para a escola, a maior vantagem é “(...) o reconhecimento do valor educativo, e da importância, das aprendizagens e experiências extra-curriculares no desenvolvimento pessoal e social das crianças (...)” (Pereira, 2010, p.224) contando, assim, com parceiros na comunidade para o desenvolvimento das AEC, contudo, isto “obriga” a uma “(re)definição do conceito de escola e das suas funções e do seu funcionamento (...)”. (Pires, 2007, p.81)

Neste sentido, a Escola a Tempo Inteiro trouxe uma reestruturação no 1.º CEB, atingindo de diferentes formas todos os seus parceiros e público alvo. Nomeadamente, os Professores Titulares de Turma (PTT) que são responsáveis pelos seus alunos durante as atividades curriculares de caráter obrigatório, passam a ser também responsáveis pela supervisão das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) dadas pelos Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular (PAEC).

Os Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular que vieram com o alargamento do horário escolar, tiveram de se integrar numa nova dinâmica das escolas e seguir a ação do Ministério da Educação, que “apela, também, à existência de “círculos de atores” exteriores (municípios, associações, movimentos) cuja intervenção e argumentação são suscetíveis de análise” (Pires, 2014, p.19).

Os alunos que até então, estariam nas escolas 5 a 6 horas diárias e após as aulas iam para casa ou tinham Atividades de Tempos Livres (ATL), passaram a ficar num período máximo de 7 a 8 horas diárias na escola prescindindo do ATL, mas com a ocupação do tempo em Atividades de Enriquecimento Curricular gratuitas e facultativas.

Com o surgimento das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), segundo Pires (2014), levou ao encerramento de escolas com menos de 10 alunos, para ser feita uma injeção de capital nos grandes centros escolares, com isso começou a existir uma menor procura de instituições ou centros de apoio (ATL) por parte das famílias e por consequência o encerramento de alguns. Esta medida surge num âmbito de medidas de valorização do 1.º CEB, onde abrange a generalização do Ensino do Inglês e de outra atividade de Enriquecimento Curricular (AEC).

Ainda segundo Pires (2014), na Figura 1 que se segue, surgem as mudanças que as AEC trouxeram como medida complementar da ETI:

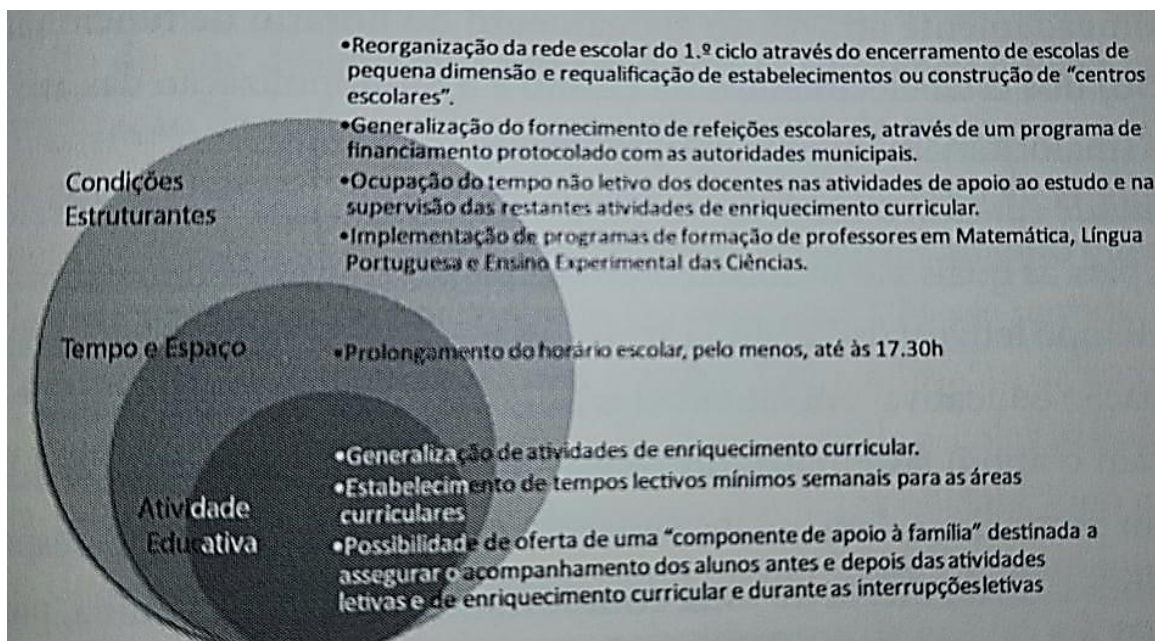


Figura 1 - Síntese de mudanças com a ETI e as AEC. Fonte: Pires (2014)¹

Como acima referido, existiram algumas reorganizações no 1.º Ciclo de Ensino Básico desde 2005, com base na Figura 1, pode observar-se que estas reorganizações incidiram:

- Na organização e estruturação dos planos curriculares das escolas públicas;
- Nas funções dos Professores Titulares de Turma (PTT), nomeadamente acrescentando-lhes a supervisão e acompanhamento dos alunos durante o período não curricular;
- No prolongamento do tempo de permanência dos alunos na escola;
- Na implementação de Atividades de Enriquecimento Curricular, com tempos letivos estipulados.
- Na existência de uma componente de apoio à família no que diz respeito ao acompanhamento dos alunos durante os períodos não letivos.

¹ Pires, C. (2014). Escola a Tempo Inteiro - Contributos para análise de uma política pública de educação. De Facto Editores

Assim, com a implantação da ETI, as escolas tiveram de se reorganizar e “abrir” espaço para este novo complemento ao currículo, garantindo um horário completo, promovendo aos alunos novas aprendizagens que passam pelas Atividades de Enriquecimento Curricular e a integração de novos docentes na comunidade escolar, dando ênfase ao currículo núcleo e rentabilizando o seu tempo. Neste sentido, a ETI surgiu como complemento ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e consigo trouxe outro complemento, também valioso para os alunos, as Atividades de Enriquecimento Curricular, as quais permitem-lhes transmitir novos conceitos, novas dinâmicas de aprendizagem e criar aptidões para outros tipos de contexto, nomeadamente o Programa de Ensino do Inglês ou a Atividade Física e Desportiva.

3. Atividades de Enriquecimento Curricular

Em conjunto com a ETI, surgem as Atividades de Enriquecimento Curricular com o objetivo de complementar este prolongamento de horário, dar apoio às famílias e promover novas experiências aos alunos, são de caráter facultativo e representam um currículo síncrono ao currículo núcleo obrigatório.

Do ponto de vista formal, estas atividades encontram-se designadas da seguinte forma:

- “Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC);
- Componente de Apoio à Família no 1.º ciclo do Ensino Básico (CAF)” (Direção Geral da Educação)²

As Atividades de Enriquecimento Curricular designam-se pelas as atividades de caráter facultativo e de natureza lúdica, formativa e cultural que incidam, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio.

A Componente de Apoio à Família no 1.º Ciclo do Ensino Básico designa-se pelo o conjunto de atividades destinadas a assegurar o acompanhamento dos alunos do 1.º ciclo do ensino básico antes e/ou depois das componentes do currículo e das AEC, bem como durante os períodos de interrupção letiva.

Tendo em conta que este estudo, está mais centrado nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), foi neste sentido que a investigadora procurou recolher informação teórica, nomeadamente no que diz respeito ao programa de generalização das AEC, que prevê como obrigatoriedade certos pontos, tais como:

1. A oferta de atividades, por exemplo “atividades como o ensino do inglês, bem como do apoio ao estudo”, estas devem oferecer um acompanhamento personalizado de acordo com as metas e objetivos estabelecidos pelo Ministério da Educação (ME),

² Fonte: Site da Direção Geral de Educação <https://www.dge.mec.pt/enquadramento-7>

promover aprendizagens de qualidade durante os períodos não-letivos e representar uma participação facultativa dos alunos mediante aceitação dos Encarregados de Educação / Titulares no início de cada ano letivo;

2. Para os professores, “os docentes do 1.º ciclo ocuparem o seu tempo não lectivo no apoio ao estudo e na supervisão da AEC”, esta supervisão das AEC compreende que os Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular (PAEC) ingressem nas escolas como coadjuvantes dos Professores Titulares de Turma (PTT) e promovam uma partilha na vertical e na horizontal de informação pedagógica entre eles sobre os alunos. Como confirma Machado & Cruz “As Atividades de Enriquecimento Curricular vêm alterar, pela primeira vez, esta situação, uma vez que os alunos são acompanhados exclusivamente pelos professores/técnicos destas atividades e as turmas podem, eventualmente, ser desmembradas ou reagrupadas.” (2014, p. 183) Seguindo esta linha de pensamento de Machado & Cruz, ainda sobre os PTT, estes têm de “interagir com professores de disciplinas, mantém um grupo constante de alunos e reparte com os demais professores/técnicos o acompanhamento das crianças” desta forma dependem dos parceiros “para dispor da informação escolar atualizada dos seus alunos.”. (2014, p. 183)
3. E ainda é dada a prioridade às “autarquias para se tornarem entidades, promotoras das AEC”. (Sousa, Cardoso & Dias, 2011, pp. 66-67) Segundo Rodrigues (2010), as autarquias surgem como parceiros das escolas públicas na promoção das atividades e na sequência da valorização e qualificação do 1.º CEB, que carência de múltiplas intervenções. Estes novos parceiros, são para além das autarquias, as câmaras municipais que devem promover a existência de boas práticas na intervenção autárquica sobre as escolas públicas.

Com estas novas obrigadoriedades e responsabilidades, no que diz respeito ao ponto 1 acima referido, o desenvolvimento de programas e atividades para frequência dos alunos nos períodos não letivos, designadamente, o Programa de Ensino do Inglês no 1.º CEB que surgiu no inicio desta implementação e que com o apoio dos parceiros (Ponto 3) deve ter como objetivo consciencializar os alunos nos primeiros anos de escola sobre outra língua diferente da sua língua materna, como corrobora Bento (2005) um dos objetivos do inglês nos primeiros anos é “a construção de uma consciência

plurilingue e pluricultural” (p. 9), de forma a que os alunos tenham consciência de outras línguas diferentes da nossa e faladas em todo o mundo, bem como outras culturas. Neste sentido, deve dar-se “ênfase à audição e à oralidade, especialmente na fase inicial. No entanto, a leitura e a escrita podem desempenhar um papel de apoio crítico” (Bento, C., Coelho, R. et al, 2005, p. 11), através de imagens, áudios, traduções, jogos, entre outras atividades que os professores de inglês possam desenvolver com os seus alunos.

Tal como o Programa de Ensino do Inglês no 1.º CEB que foi o primeiro a surgir, as atividades que surgiram depois, passam por “promover a educação para a comunicação, motivando para valores como o respeito pelo outro, a ajuda mútua, a solidariedade e a cidadania (...) proporcionar experiências de aprendizagem significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras”. (Bento, C., Coelho, R. et al, 2005, p. 11) Nomeadamente, atividades de carácter desportivo (Atividade Física e Desportiva - AFD), artístico (Expressão Plástica – EP), tecnológico (TIC) e pluridisciplinar (Drama).

A implementação destas novas obrigações e responsabilidades nas escolas do 1.º CEB, ao longo do tempo, resultaram numa quantidade avultada de decretos-lei e despachos realizados pelo Ministério da Educação (ME), pertinentes de serem analisados.

4. Quadro político-legal

Como apresentado anteriormente, a Escola a Tempo Inteiro e as Atividades de Enriquecimento Curricular vieram complementar o currículo núcleo, no entanto, de modo a que estas reorganizações fossem implementadas de forma unânime e igualmente para todas as escolas, foram criadas Leis, Despachos, Normativas e Portarias que dizem respeito ao quadro político-legal.

Este quadro político – legal, é baseado na primeira grande lei, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), que “estabelece o quadro geral do sistema educativo e pode definir-se como o referencial normativo das políticas educativas que visam o desenvolvimento da educação e do sistema educativo” (Conselho Nacional de Educação, 2016), a LBSE foi aprovada a 14 de outubro de 1986, tendo sido alterada e atualizada em anos seguintes. A Lei n.º 46/86 - Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14 da LBSE, refere nos seus princípios que é da “(...) responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso (...)” (p.1), continuando sobre o sistema educativo, este deve responder às “(...) necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.” (p. 1)

Mais à frente, sobre as atividades extra- escolares menciona que

A educação extra-escolar engloba actividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento e actualização cultural e científica e a iniciação, reconversão e aperfeiçoamento profissional e realiza-se num quadro aberto de iniciativas múltiplas, de natureza formal e não formal. (p. 2)

Neste seguimento, a LBSE faz referência a atividades de caráter não formal e de aprendizagens culturais e científicas, mais à frente, nos objetivos do ensino básico, três desses objetivos (b, c e d) previstos na LBSE, relativamente às AEC, referem que a escola deve

b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;

c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;

d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;

Contudo, apenas no Decreto-Lei n.º 286/89 de 29 de agosto de 1989 que refere que “Tomando em consideração o conjunto das propostas apresentadas pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo e o contributo resultante do debate nacional que suscitaram, bem como o parecer que sobre elas produziu o Conselho Nacional de Educação” é que se fala mais especificamente de Atividades de Complemento Curricular (ACC), previstas no artº 8º do Decreto-Lei 286/89 de 29 de agosto de 1989, mencionando que “Para além das actividades curriculares, os estabelecimentos de ensino organizarão actividades de complemento curricular, de carácter facultativo e natureza eminentemente lúdica e cultural, visando a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos educandos.”

O Decreto-Lei 286/89, foi revogado pelo o Despacho nº 141/ME/1990 que nomeia, que as ACC devem ser designadamente:

“a) De carácter desportivo;

b) De carácter artístico;

c) De carácter tecnológico;

d) De carácter pluridisciplinar;

e) De carácter solidariedade e voluntariado;

f) De carácter ligação da escola ao meio;

g) De carácter desenvolvimento da dimensão europeia na educação.”

Neste decreto-lei é possível verificar-se uma especificação da componente de ACC, podendo, as atividades ser adaptadas aos caracteres acima mencionados.

Mais tarde, surge o Decreto-Lei nº 6 /2001, inspirado no decreto anteriormente referindo e integrando alguns aspetos das Atividades de Complemento Curricular, “como objectivo estratégico a garantia de uma educação de base para todos, entendendo-a como início de um processo de educação e formação ao longo da vida”. Para que esta referência seja cumprida, o Decreto-Lei refere, mais à frente no artigo 3.º, a importância da “Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes” Sendo que as áreas curriculares não disciplinares referidas são as “actividades de apoio ao estudo” e ainda no artigo 7.º refere que “As escolas do 1.º ciclo podem, de acordo com os recursos disponíveis, proporcionar a iniciação a uma língua estrangeira, com ênfase na sua expressão oral.” Para serem possíveis estas áreas curriculares não disciplinares, as escolas tinham como objetivo “Racionalização da carga horária lectiva semanal dos alunos” não fazendo referência a um horário obrigatório.

Na continuação deste Decreto-Lei, pode ler-se mais à frente no artigo 9.º o subtítulo de “Actividades de enriquecimento do currículo”, tendo assim mudado o nome dado anteriormente às atividades não disciplinares. Por fim, o documento faz ainda referência à

Organização de acções de formação contínua de professores deve tomar em consideração as necessidades reais de cada contexto escolar, nomeadamente através da utilização de modalidades de formação centradas na escola e nas práticas profissionais, e dar uma particular atenção às áreas curriculares não disciplinares.

No que diz respeito ao período de funcionamento, este não foi especificado no decreto-lei anterior, por isso, surge o Despacho n.º 16 795/2005 de 3 de agosto, que fala sobre o período de funcionamento dos estabelecimentos públicos, referindo que

Sem prejuízo da normal duração semanal e diária das actividades educativas na educação pré-escolar e curriculares no 1.º ciclo do ensino básico, os respectivos estabelecimentos manter-se-

ão obrigatoriamente abertos pelo menos até às 17 horas e 30 minutos e no mínimo oito horas diárias, com vista à oferta de actividades de animação e de apoio às famílias, bem como de enriquecimento curricular ou outras actividades extra-curriculares, de frequência facultativa por parte das crianças e alunos interessados.

O Decreto-Lei anteriormente referido, foi revogado pelo Despacho n.º 12 440/2006 de 8 de maio, que menciona novas vertentes no que diz respeito às Actividades de Enriquecimento do Currículo tais como:

1- “Consideram-se actividades de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico

a) Actividades de apoio ao estudo;

b) Ensino do inglês;

c) Ensino de outras línguas estrangeiras;

d) Actividade física e desportiva;

e) Ensino da música;

f) Outras expressões artísticas;

g) Outras actividades que incidam nos domínios identificados.”

Sendo que destas, os estabelecimentos públicos têm obrigatoriedade de ter

“a) Apoio ao estudo;

b) Ensino do inglês para os alunos dos 3.º e 4.º anos de escolaridade.”

Neste primeiro ponto é possível verificar-se uma especificidade de medidas que dizem respeito às actividades, nomeadamente, faz referência às actividades que a escola pode escolher para incluírem na sua oferta aos alunos, contudo é obrigatório que tenha a componente de apoio ao estudo e a componente de ensino do inglês no 3.º e 4.º ano.

2- “...não podem ser realizadas para além das 18 horas.”

Neste ponto é estipulado um horário máximo para a dinamização das atividades de enriquecimento.

3- “Podem ser promotoras das actividades de enriquecimento curricular as seguintes entidades:

- a) Autarquias locais;
- b) Associações de pais e de encarregados de educação;
- c) Instituições particulares de solidariedade social (IPSS);
- d) Agrupamentos de escolas.”

Especificando ainda, quais os parceiros que as instituições podem recorrer e selar contratos de prestação de serviços perante as entidades públicas, para a promoção das atividades.

4- No que diz respeito aos professores titulares de turma, compete-lhes a supervisão e acompanhamento das atividades e do apoio à família, realizado-o no período não letivo, incidindo nos seguintes aspetos:

- “a) Programação das actividades;
- b) Acompanhamento das actividades através de reuniões com os respectivos dinamizadores;
- c) Avaliação da sua realização;
- d) Realização das actividades de apoio ao estudo;
- e) Reuniões com os encarregados de educação, nos termos legais.”

5- “É criada a comissão de acompanhamento do programa (CAP), que reveste a forma e a natureza de um grupo de trabalho...”

Neste sentido, a criação deste grupo de trabalho, acompanha o desenvolvimento destas atividades nas escolas de ensino básico, analisa a sua implementação e o seu grau de sucesso.

6- Formação dos professores de AEC:

Os professores de inglês podem deter habilitações reconhecidas a nível internacional; professores de actividade física e desportiva Licenciados em desporto ou áreas afins; professores de ensino da música Diplomados com um curso profissional na área da música com equivalência ao 12.º ano; Os profissionais que desenvolvam actividades nas restantes actividades de enriquecimento curricular, nomeadamente nas áreas das expressões, deverão possuir formação profissional ou especializada adequada ao desenvolvimento das actividades programadas.

Este ponto recai sobre a formação dos professores contratados pelos parceiros para a dinamização das AEC, sendo este um fator eliminatório na contratação destes professores.

Este Despacho veio trazer alterações no que diz respeito às áreas curriculares não-disciplinares, esclarecendo alguns pontos antes referidos vagamente pelos Despachos e Decretos-Lei anteriores.

Neste sentido, o Despacho n.º 14460/2008 de 26 de maio, trouxe a concretização dos projetos de enriquecimento curricular e da implementação do conceito de Escola a Tempo Inteiro (ETI), tendo esta medida sido generalizado pelo Despacho n.º 12 440/2006 de 8 de maio.

Ainda no Despacho n.º 14460/2008 de 26 de maio, faz referência à

Importância de continuar a adaptar os tempos de permanência dos alunos na escola às necessidades das famílias e simultaneamente de garantir que os tempos de permanência na escola são pedagogicamente ricos e complementares das aprendizagens associadas à aquisição das competências básicas.

Face a esta última transcrição, os tempos de permanência na escola deveriam ser alargados para um maior apoio às famílias e melhor aproveitamento desse tempo para as crianças, desta forma, o Despacho refere ainda no ponto 19 que “A planificação das actividades de animação e de apoio à família bem como de enriquecimento curricular deve envolver obrigatoriamente os educadores titulares de grupo e os professores do 1.º ciclo titulares de turma” para que os alunos e as famílias estejam envolvidos no meio escolar.

Estas atividades extracurriculares e de apoio à família, são nomeadamente, Componente de Apoio à Família (CAF) e Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), especificadas no Despacho n.º 9265-B/2013 de 15 de julho:

- “Considera-se CAF o conjunto de atividades destinadas a assegurar o acompanhamento dos alunos do 1.º ciclo do ensino básico antes e ou depois da componente curricular e de enriquecimento curricular, bem como durante os períodos de interrupção letiva.”

- Consideram-se AEC no 1.º ciclo do ensino básico as atividades educativas e formativas que incidam na aprendizagem da língua inglesa ou de outras línguas estrangeiras e nos domínios desportivo, artístico, científico, técnico e das tecnologias da informação e comunicação, de ligação da escola com o meio e de educação para a cidadania.

Após especificadas estas atividades extracurriculares, os agrupamentos de escolas e escolas não-agrupadas gerem e organizam estas orientações, perante as entidades promotoras com o objetivo de proporcionar aos alunos e respetivas famílias um bom acompanhamento escolar. Este tipo de apoio às famílias, bem como o prolongamento do horário escolar através de Atividades de Enriquecimento Curricular, têm como finalidade facilitar a organização dos horários das famílias, no que diz respeito ao acompanhamento dos seus educandos, numa perspetiva de uma permanência mais alargada na escola e a frequência de AEC, com o objetivo de proporcionar aos seus educandos uma aprendizagem diversificada, dinâmica e gratuita.

Para verificar se estas orientações são cumpridas de acordo com os Decretos-Lei do Ministério da Educação, foi criado, o Despacho n.º 5262/2014 de 14 de abril, com o objetivo de acompanhar, direcionar e monitorizar as AEC e restantes atividades, que elege a Comissão Coordenadora das AEC, com recurso a uma equipa constituída por “...dois representantes da Direção-Geral da Educação e dois representantes da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, desempenhando um deles as funções de presidente...”.

Por fim, a Portaria n.º 644-A / 2015 de 24 de agosto, vem redefinir o conceito de CAF “Considera-se CAF o conjunto de atividades destinadas a assegurar o

acompanhamento dos alunos do 1.º ciclo do ensino básico antes e ou depois das componentes do currículo e das AEC, bem como durante os períodos de interrupção letiva”. E ainda redefinir o conceito de AEC “Consideram -se AEC no 1.º ciclo do ensino básico as atividades de caráter facultativo e de natureza eminentemente lúdica, formativa e cultural que incidam, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação.” especificando ainda que “...têm uma duração semanal de entre cinco a sete horas e meia, para os 1.º e 2.º anos de escolaridade, e de entre três a cinco horas e meia, para os 3.º e 4.º anos de escolaridade...”.

Os diplomas acima mencionados, revelam uma constante evolução no tempo e atualização, com o objetivo de as escolas regerem-se por eles e de tornar estas medidas mais vantajosas e concretas para todas as escolas do ensino básico público.

Parte II - Estudio empírico

Capítulo II – Metodologia

Após apresentar o quadro teórico, importa agora apresentar o percurso metodológico que a presente investigação percorreu. No capítulo II, apresenta-se a problematização, onde está referida a pertinência do tema, com base na revisão da literatura e as motivações pessoais e profissionais.

Apresenta-se ainda neste capítulo, a abordagem geral de investigação, no que diz respeito a uma abordagem de investigação qualitativa com uma análise qualitativa e quantitativa utilizada pela investigadora. Seguidamente da definição e contextualização da abordagem escolhida pela investigadora, surgem as questões de pesquisa definidas para este estudo, bem como os objetivos gerais e específicos. De forma, a contextualizar esta investigação é apresentado o contexto do estudo, nomeadamente, a caracterização do espaço onde foi desenvolvido o estudo, os participantes incluídos durante o percurso metodológico e os instrumentos de recolha de dados utilizados pela investigadora, tais como observações não participantes, conversas informais e conversas formais (entrevistas e questionários).

1. Problematização

O percurso académico realizado até ao mestrado, despertou interesses profissionais e pessoais sobre o tema das AEC, aos quais, se juntou a oportunidade de realizar esta investigação a partir do estágio curricular realizado no âmbito do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. A partir das experiências dos estágios realizados, foi possível observar de perto a dinamização de atividades durante o período das AEC por professores escolhidos pelos agrupamentos, o gosto dos alunos pela frequência das atividades oferecidas pela escola, a articulação / colaboração entre os PTT e os PAEC e a organização da carga horária das AEC atualmente com a flexibilização dos horários, intercaladas com a carga horária letiva obrigatória. Esta observação permitiu verificar que a ETI ao incorporar na carga horária das atividades letivas dinamizadas pelos PTT, as atividades não letivas

dinamizadas pelos PAEC, tornou possível a resolução de “um relacionamento e uma interdependência que se prendem com fatores diversos, primordialmente com questões de desencontros e desajustes entre os horários escolares dos filhos e os horários laborais dos pais e encarregados de educação.” (Machado & Cruz, 2014, p. 175).

Deste modo, é possível evidenciar-se alguns estudos sobre este tema e algumas conclusões retiradas por parte de alguns autores com diferentes opiniões sobre a ETI e as AEC, tal como Verdasca (2011) que refere que a ETI “significa e concretiza um serviço público gratuito de educação que se estende a todas e a cada uma das famílias.” (p.6)

Segundo Pires (2017):

Por um lado, coloca o desafio da (difícil) “integração curricular” de dois tempos e momentos: o lectivo, curricular obrigatório, assegurado pelo Estado; e o não letivo, do enriquecimento curricular de frequência facultativa assegurado predominantemente pela autarquia, sob financiamento do Estado. Por outro lado, legítima, numa lógica de flexibilização, quer a “infiltração” de actividades de enriquecimento curricular (AEC), nos horários habitualmente ocupados pelas actividades lectivas obrigatórias, quer a “deslocação” (não assumida) das áreas artísticas e da educação física, da esfera curricular obrigatória, para a esfera do enriquecimento curricular. (p.79)

E como Almeida (2009) que refere que “Não duvidando da bondade destas medidas, a sua implementação carece, no entanto, de ponderação para a qual é inevitável o respectivo acompanhamento e a consequente avaliação, participada por todos os intervenientes no processo.” (p.1908), de acordo com este autor, a pertinência desta investigação vai neste sentido, de acompanhar e analisar este processo de enriquecimento do currículo dos alunos com base na opinião de professores, alunos, técnicos e coordenação.

Assim, as AEC tornam-se um tema-chave de interesse pessoal e profissional que leva a investigadora a refletir, procurar e conhecer mais sobre esta temática. Permitindo-a, como futura docente, seguir uma linha coerente com toda a informação reunida e as futuras vivências laborais. Para além disso, trará ferramentas para o

exercício das atividades docentes, de forma a que exista uma partilha entre todos os intervenientes da comunidade escolar e uma melhoria contínua.

Assim sendo, este estudo procurou dar respostas a questões pertinentes que surgiram no decurso das vivências no 1.º CEB, questões que se foram juntando e acumulando, dando ênfase ao tema deste estudo bem como à sua implementação.

O tema Atividades de Enriquecimento Curricular como complemento de uma escola a tempo inteiro e a sua implementação, tem vindo a ser abordado por vários autores, tais como Almeida (2009) Cosme & Trindade (2007) Machado & Cruz (2014) Pires (2007) e Pires (2014). Estes autores fazem referência a informações sobre as AEC e a ETI pertinentes para a realização da investigação, designadamente a importância das escolas se assumirem como “Centros Locais de Educação Básica” onde incorporam no seu contexto dois tempos distintos, a educação escolar e a animação de tempos livres, os diversos desvios detetados que foram surgindo e a avaliação das alternativas para ultrapassar as dificuldades e a importância de se “ouvir” as perceções, sentimentos e ideias dos professores sobre as AEC no que diz respeito às alterações decorrentes desta implementação. Estas referências em conjunto com a literatura apresentada no quadro teórico, suscitam por si só, interesse em investigar e refletir sobre este tema, que proporcionou alterações ao nível do 1.º Ciclo. Deste modo, para verificar-se o efeito destas alterações ao nível do 1.º CEB, deve ter-se em conta uma análise dos diversos pontos de vista de cada interveniente, procurando perceber junto deles a sua opinião sobre a ETI e as AEC.

Com base no mais recente Relatório de Acompanhamento 2016/2017, elaborado pela Comissão de Acompanhamento do Programa (CAP), este refere que existem AEC que não estão adequadas ao contexto da escola.

Este documento salienta ainda que deve existir uma resposta educativa para os alunos que não frequentam as AEC, caso exista uma flexibilização do horário curricular e garantir que a entidade responsável pela dinamização das AEC assegura a ocupação dos alunos em caso de falta do técnico.

Por este motivo, esta investigação procurou evidenciar junto dos intervenientes, a sua opinião neste sentido, tendo em consideração princípios básicos das AEC e ETI,

tais como o caráter lúdico das AEC, a forma como é feita a seleção das AEC mediante o contexto, a definição da faixa etária, a definição dos técnicos que as dinamizam e a flexibilização dos horários e dos espaços de acordo com as atividades. A opinião dos intervenientes neste processo permite ter uma visão mais aproximada da realidade destes atores e fazer emergir informação pertinente para o propósito e desenvolvimento desta investigação.

Desta forma, esta temática surgiu como interesse principal e motivação pessoal para a realização de uma investigação, de forma a compreender as suas dinâmicas, organização, gestão e envolvimento por parte dos seus intervenientes. Considerando que a “investigação é entendida como uma atividade básica da ciência, procurando questionar e analisar a realidade” (Vilelas, 2017, p. 21) e que neste trabalho a investigação decorre da literatura anteriormente apresentada, predomina nele uma análise de perspectivas que recaem sobre as Atividades de Enriquecimento Curricular no meio escolar público. Neste sentido, são definidas as questões de pesquisa que serviram de base para dar início à formulação dos respetivos objetivos.

2. Questões de pesquisa e objetivos

Decorrendo dos interesses pessoais e profissionais, acima mencionados, bem como das motivações que levaram ao desenvolvimento desta investigação, foi formulada a questão de partida, que evidencia interesses sobre determinado tema a ser estudo, no caso desta investigação, as AEC como complemento do ensino curricular. Esta questão de partida, está relacionada com interesses e circunstâncias da realidade que para ser estudada, é necessário a aplicação de uma metodologia científica. (Vilelas, 2017) Posto isto, nesta investigação surgiu a seguinte questão:

- De que forma, a implementação das Atividades de Enriquecimento Curricular complementam o ensino curricular na perspetiva dos intervenientes?

Após a formulação desta questão, foi possível desdobrá-la em questões de pesquisa mais específicas, que permitiram à investigadora dar sentido ao estudo e seguir

um caminho para conseguir responder à questão acima. Assim sendo, as questões de pesquisa específicas questionam partes inerentes ao tema, designadamente a sua gestão e organização, os vários atores e a sua dinamização das atividades, tais como:

- Como se caracteriza o modo de funcionamento das AEC nesta escola?
- Como se caracteriza o modo de seleção das AEC nessa escola?
- Como se caracteriza a relação entre o PTT e o PAEC e qual o modo de articulação entre os dois?

- Quais são as AEC que melhor contribuem para o desenvolvimento dos alunos na opinião dos PTT e da Coordenadora?

- Qual a opinião do Encarregados de Educação sobre as Atividades de Enriquecimento Curricular?

Em simultâneo com as questões específicas, surgem os objetivos gerais da investigação, que baseados nas questões acima referidas, vão ajudar a investigadora a seguir uma linha de pensamento que irá dar resposta à sua pergunta principal. Os objetivos gerais irão dar estratégias para a construção de ferramentas de estudo à investigadora, de forma a esta alcançar as respostas de que precisa. Os objetivos formulados são:

- Analisar a forma como é feita a seleção das Atividades de Enriquecimento Curricular mediante o contexto de cada escola;

- Conhecer a relação entre os Professores Titulares de Turma e o Professores Atividades de Enriquecimento Curricular e qual o modo de articulação entre eles;

- Conhecer o caráter lúdico das Atividades de Enriquecimento Curricular;

- Identificar o tipo de Atividades de Enriquecimento Curricular que contribui melhor para o desenvolvimento dos alunos na opinião dos Professores Titulares de Turma e da Coordenadora;

- Conhecer a perspetiva dos Encarregados de Educação sobre as Atividades de Enriquecimento Curricular.

Neste seguimento, a partir dos objetivos anteriormente apresentados, foram elaborados objetivos específicos de forma a tornar estas metas exequíveis. Estes objetivos específicos, são ações, tópicos e pontos de partida para a construção de materiais a aplicar aos intervenientes, de forma mais fiável e subjacentes às questões de partida. Estes objetivos específicos, são:

- Identificar a existência de reuniões entre os intervenientes sobre o tipo de Atividades de Enriquecimento Curricular a desenvolver na escola;

- Concluir se o gosto dos alunos pelas Atividades de Enriquecimento Curricular que existem na escola e o seu possível interesse por outras, constitui um fator de decisão sobre o tipo de Atividades de Enriquecimento Curricular a desenvolver;

- Identificar se existem reuniões entre os Professores Titulares de Turma e o Professores Atividades de Enriquecimento Curricular para partilha de informação;

- Nomear situações de articulação entre os Professores Titulares de Turma e o Professores Atividades de Enriquecimento Curricular, nomeadamente aulas em conjunto;

- Compreender se as Atividades de Enriquecimento Curricular trazem algo novo para os alunos;

- Enumerar quais as Atividades de Enriquecimento Curricular que os alunos gostam mais e quais as suas sugestões;

- Apresentar a opinião dos pais sobre o desenvolvimento das Atividades de Enriquecimento Curricular nesta escola.

A definição da questão de partida, das questões de pesquisa, dos objetivos gerais e dos objetivos específicos da investigação permitiram delinear um percurso metodológico mais adequado para atingir esses mesmos objetivos, levando a investigadora a criar estratégias de ação e abordagens de investigação, que neste estudo passou por dois tipos de investigação, qualitativa ou quantitativa. Desta forma, recorreu-se a técnicas de abordagem geral mistas, que a investigadora decidiu utilizar

perante as questões de pesquisa e metas a atingir que são fundamentadas no ponto que se segue.

3. Abordagem geral de investigação

A abordagem geral desta investigação, baseia-se na abordagem de investigação qualitativa, tendo em conta os objetivos e questões de pesquisa referidas anteriormente, este tipo de abordagem “tem como objectivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas acções num dado contexto.” (Craveiro, 2007, p. 202), contexto este que nos remete para uma escola de 1.º CEB pública e os seus intervenientes. Segundo o autor, esta abordagem, é a que sustenta um maior entendimento da realidade a partir das vivências e da bagagem dos seus atores.

Para entender a realidade inerente à investigação a partir das concepções dos intervenientes, foram utilizadas técnicas de recolha de dados qualitativas designadamente a observação não participante, notas de campo, a técnica de entrevista e análise interpretativa do conteúdo. (Serrano, 2004)

Apesar da investigação ser de carácter qualitativo, foi necessário recorrer a uma análise qualitativa e quantitativa para interpretar melhor a realidade do estudo. Neste sentido, foi necessário utilizar os dois tipos de abordagem:

- A abordagem qualitativa, que procura entender comportamentos, sendo os dados recolhidos suscetíveis de interpretação, designada pelo uso de notas de campo, retiradas a partir da observação não participante, incidindo em momentos relevantes e pertinentes para o desenvolvimento da investigação e para a criação dos instrumentos de recolha de dados, conversas informais com os intervenientes da comunidade escolar de forma a consolidar a informação sobre o estabelecimento e clarificar a interpretação dos dados recolhidos durante a implementação da entrevistas e a técnica da entrevista que procura conhecer a opinião dos atores sobre o tema.

- A abordagem quantitativa, que quantifica informações sobre determinado assunto, sendo os dados recolhido exatos e estatísticos, designada pelo uso da técnica de questionários fechados e análise de conteúdo através de procedimentos estatísticos.

Como se pode observar na Figura 2, aspetos das abordagens quantitativa e qualitativa.

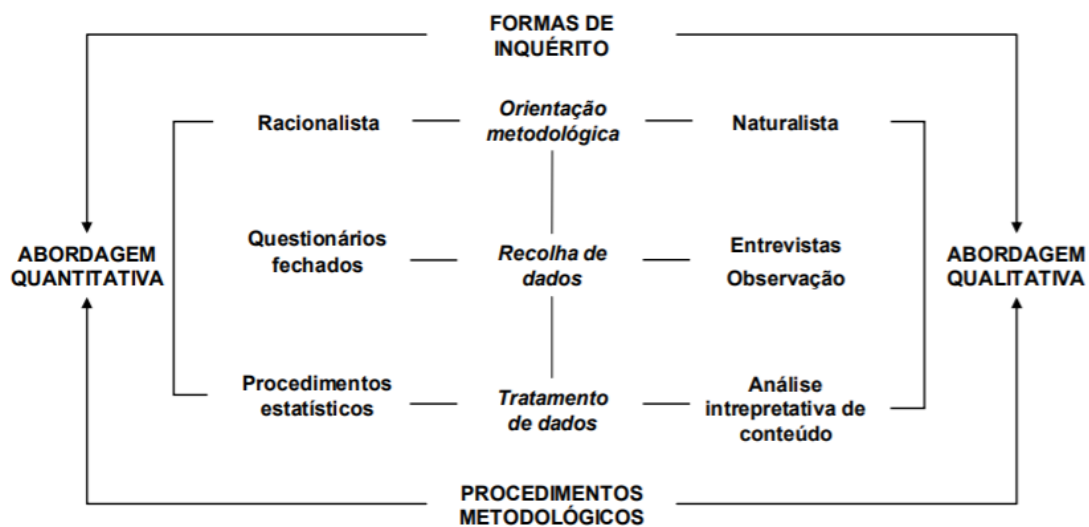


Figura 2 - Aspetos das abordagens quantitativa e qualitativa. Fonte: Morais & Neves (2007)

A utilização destes dois tipos de abordagem, vai no sentido ao qual a investigadora utiliza características de uma e de outra técnica, que mais se adequam à investigação. A partir da caracterização das técnicas de recolha de dados, bem como do tipo de abordagem a utilizar durante a investigação é possível delinear-se o percurso metodológico deste estudo.

4. Percurso metodológico

O percurso metodológico retrata os passos dados pela investigação durante a implementação da investigação na prática e no contexto. Por isso, faz sentido especificar, o contexto em que a investigação está inserida, os participantes incluídos

neste estudo, as técnicas de recolha de dados utilizadas (entrevistas e questionários) e por fim, o processo de análise dos dados retirados a partir dos instrumentos aplicados.

4.1. Contexto do estudo

A escola onde foi implementada esta investigação, situa-se no distrito de Lisboa, concelho de Sintra e integra alunos do 1.º CEB. A instituição está inserida num contexto de escolas que integram o Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP).³

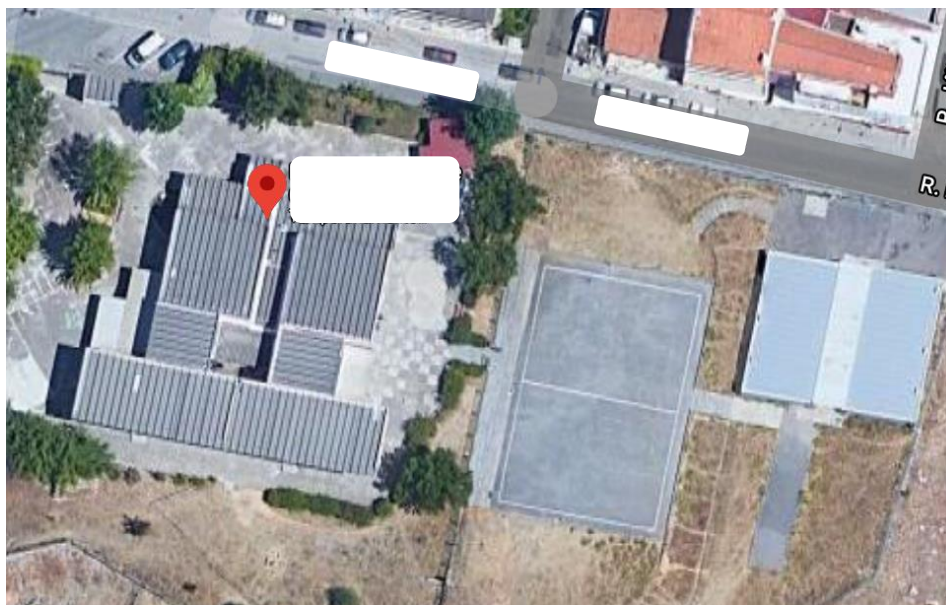


Figura 3 – Imagem satélite da Escola Básica. Fonte: *Maps*⁴

Ao nível arquitetónico, o espaço escolar que está dividido ao meio por um campo exterior, no lado esquerdo, existe um edifício pelo qual os alunos entram, composto

³ Este programa intervém “em territórios económica e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam.” Este programa tem como principal objetivo, reduzir o abandono escolar e a indisciplina. Fonte: Site da Direção Geral da Educação: <https://www.dge.mec.pt/teip>

⁴<https://www.google.com/maps>

pelas salas de 1.º e 2.º ano do EB, pelo refeitório e pela sala multiusos, a partir deste edifício é feito o acesso ao recreio. A meio do recreio, existe um campo descoberto de alcatrão que dá acesso ao lado direito da escola, onde se encontram os contentores, onde estão as turmas de 3.º e 4.º anos do EB. Esta escola está visivelmente degradada nas paredes exteriores, no chão do recreio e no espaço de atividade física, no interior, nota-se uma escassa manutenção do espaço, com apenas algumas paredes pintadas de novo.

O meio envolvente, segundo o Projeto Educativo do agrupamento de escolas previsto de 2018 a 2021 refere que a freguesia, “(...) situa-se no limítrofe do concelho de Sintra, longe das áreas protegidas, do turismo e dos patrimónios mundiais (...)”, “(...) a população atual do bairro revela uma heterogeneidade que envolve não somente as distintas regiões de proveniência, mas também estratos socioeconómicos diferenciados, bem como diferentes posicionamentos na esfera de trabalho e estabilidade de emprego, entre outros aspetos.” (p. 21)

Em relação aos Encarregados de Educação dos alunos que frequentam a escola em questão, refere que “(...) exercem a sua profissão, nos sectores da construção civil, pequeno comércio e prestação de serviços, especialmente domésticos, fora da zona habitacional. Os filhos ficam a cargo de amas, avós, e muitos, entregues a si próprios (...)” (p.21), no que diz respeito ao emprego e escolaridade destes, refere que “(...) existe uma situação de grande incidência de desemprego nas famílias e um fraco nível económico. Constata-se também um baixo nível de escolarização, com número significativo de pessoas sem o 1.º ciclo do ensino básico.” (p.44)

Atualmente a freguesia tem vários equipamentos complementares tais como infantários, duas escolas de 1.º CEB, uma escola de 2.º e 3.º CEB, mercado, IPSS, parques, pavilhão polidesportivo descoberto, um pavilhão gimnodesportivo municipal, campo de futebol, farmácias e CTT. Contudo, as ruas e espaços exteriores, tais como parques e campos necessitam de intervenções e melhoramentos.

4.2. Participantes

Os participantes desta investigação são os intervenientes da comunidade escolar do 1.º CEB onde foi desenvolvida a investigação, destes intervenientes da comunidade escolar foram extraídos para a investigação Professores Titulares de Turma, Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular, alunos, coordenadora de estabelecimento e Encarregados de Educação.

Neste sentido e relativamente aos PTT, foram selecionados um professor de cada ano de escolaridade (1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano), para realizarem com a investigadora uma entrevista em *focus group*, num total de quatro professores. Todos os professores selecionados são do sexo feminino, têm mais de 20 anos de experiência no ensino básico e já lecionaram em mais do que quatro escolas pelo país. Esta seleção foi realizada aleatoriamente.

Quanto aos alunos, foram selecionados dois alunos do ano de escolaridade 2.º, 3.º e 4.º ano, para realizarem, também, com a investigadora uma entrevista em *focus group*, sendo no total de seis alunos. A seleção dos alunos foi realizada em conjunto com os PTT anteriormente entrevistados, tendo por base apenas a seleção de alunos dos anos que já sabem ler e escrever. Os alunos selecionados já expressão a sua opinião sobre o tema em causa, referindo pontos de interesse, fragilidades e sugestões.

Em relação aos PAEC foram selecionados dois, um da AEC de Expressão Plástica e um da AEC de Atividade Física e Motora, para realizarem entrevistas individuais com a investigadora. Esta seleção foi realizada aleatoriamente, contudo o professor da AEC de Atividade Física e Desportiva por questões de desencontros não realizou a entrevista individual. A professora de Expressão Plástica leciona esta AEC há 8 anos, tendo já lecionado em três escolas diferentes na região de Lisboa e concilia esta atividade profissional com outra atividade complementar.

A coordenadora do estabelecimento de ensino em que a investigação foi aplicada, também foi selecionada para realizar uma entrevista individual com a investigadora. Esta coordenadora tem mais de 30 anos no ensino básico, tendo passado por quatro

escolas diferentes na região de Lisboa, sendo as duas últimas pertencentes ao Agrupamento de Escolas que coordena atualmente.

Por fim, quanto aos Encarregados de Educação, a investigadora por intermédio dos PTT entrevistados, pediu-lhes para distribuir pelos seus alunos cinquenta questionários para entregarem aos Encarregados de Educação com data limite para devolução.

4.3. Técnicas de recolha de dados

Tendo em conta os participantes e o objetivo da investigação que pretendeu analisar e entender comportamentos, opiniões, perspetivas e realidades, é necessário o envolvimento da investigadora com o meio e com os seus intervenientes.

Para o maior entendimento da realidade e das perspetivas dos participantes, foi necessário criar técnicas de recolha de dados, relevantes para a investigação. Estas técnicas de recolha de dados, como acima referido, são de análise qualitativa e quantitativa. Assim sendo, é apresentada a Tabela 1 - Síntese do processo de recolha de dados, que refere na 1.ª fase, o tipo de recolha de dados utilizado, conversas informais e as notas de campo, após a 1.ª fase, a investigadora passou para a aplicação da 2.ª fase, que diz respeito às entrevistas em *focus group*, às entrevistas individuais e aos questionários.

Tabela 1 - Síntese do processo de recolha de dados

1.ª Fase	2.ª Fase	
<ul style="list-style-type: none"> • Conversas informais • Notas de campo 	Entrevista - <i>focus group</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Professores Titulares de Turma • Alunos do 2.º, 3.º, 4.º ano
	Entrevista - individual	<ul style="list-style-type: none"> • Professora de Atividades de Enriquecimento Curricular • Coordenadora Estabelecimento
	Questionário	<ul style="list-style-type: none"> • Encarregados de Educação

Esta síntese do processo de recolha de dados, mais especificamente refere que numa 1.ª fase, com o decorrer do estágio, foram realizadas conversas informais com os PTT com a finalidade de saber mais sobre as suas turmas, como é que os grupos se manifestam em relação às AEC, como é que decorreu o ano letivo (2018/2019) e o grau de envolvimento entre PTT e PAEC. Foram realizadas também conversas informais com a coordenadora do estabelecimento de ensino sobre a gestão e organização dos professores e das AEC, com o agrupamento e por fim com os alunos da escola, em contexto de recreio, se estão a gostar das AEC e o que fazem no seu decorrer. Estas conversas informais deram origem a notas de campo relacionadas com o tema da investigação, bem como outras notas retiradas a partir da observação não participante das aulas com os PTT, com os PAEC de Atividade Física e Motora e de Expressão Plástica e nos recreios.

As técnicas de recolhas de dados, acima referidas, nomeadamente a observação “participante não é apenas uma técnica de recolha de dados, mas é mesmo vista como uma metodologia de investigação, sendo particularmente indicada para estudar alguns aspectos relacionados com o indivíduo”. (Vale, 2004, p.10) Esta técnica de recolha de dados foi utilizada como aliada às notas de campo e aos diários de campo que “(...) são os instrumentos metodológicos que os professores utilizam com mais frequência para registar os dados de observação”. (Máximo-Esteves, 2008, p. 88) Os dados retirados no momento e têm como objetivo a formulação de materiais de investigação qualitativa e quantitativa, descritos na próxima fase do estudo.

Numa 2.ª fase, com a reunião de todo o material recolhido durante a 1.ª fase, foram construídos os instrumentos de recolha de dados, como objetivo de identificar opiniões, estratégias e metodologias realizadas na escola em causa, que contribuíram para um conhecimento e uma compreensão sobre as conceções dos atores sobre as AEC.

Como referido no quadro anterior, foram desenhados os guiões de entrevista para posteriormente estruturar as entrevistas em *focus group* para os PTT e para os alunos selecionados e as entrevistas individuais para os PAEC e para a Coordenadora Pedagógica.

Após o desenho dos guiões das entrevistas, foi necessário recorrer a outro tipo de técnica de recolha de dados, que atendendo ao facto, de que a utilização da entrevista com os pais seria mais difícil de obter os dados pretendidos, a investigadora optou por complementar a recolha de dados com um questionário aos Encarregados de Educação.

Neste sentido, tanto as entrevistas individuais ou *focus group* como os questionários aplicados nesta investigação incidiram diretamente sobre perspetivas e opiniões dos diferentes intervenientes, no que diz respeito aos principais temas, a Escola a Tempo Inteiro e as Atividade de Enriquecimento Curricular. Após a exposição das técnicas de recolha de dados, a investigadora parte para a descrição destas técnicas, ou seja, como foram construídas e desenvolvidas as entrevistas em grupo, as entrevistas individuais e os questionários.

4.3.1. Entrevistas

A técnica de entrevista, iniciou-se pelo desenho dos guiões de entrevista, tendo sido estes construídos a partir da revisão da literatura, das experiências e da realidade que a investigadora encontrou e presenciou durante o período letivo, numa escola pública.

Os guiões de entrevista foram realizados com o objetivo de dar resposta à questão de partida anteriormente definida, tendo por base as questões de pesquisa e os objetivos gerais e específicos a avaliar. Estes tópicos a avaliar, foram divididas por blocos que correspondiam, cada uma, a um objetivo estipulado e direcionado para as entrevistas, cada bloco dos objetivos, tinha perguntas que procuravam dar resposta aos objetivos estipulados e ainda algumas hipóteses de resposta, ou seja possíveis respostas que os inquiridos poderiam dar, com o objetivo de ajudar a investigadora a guiar as respostas para as suas metas.

Fruto do desenho destes guiões e do conjunto de informação reunida neles, surgiram as entrevistas aos intervenientes do meio escolar investigado, estas entrevistas foram estruturadas a partir da legitimação da entrevista, dos objetivos, das questões e

das observações realizadas pela investigadora, com o propósito de serem aplicadas de duas formas diferentes:

As entrevistas *Focus-group* (Anexo I e II) que “(...) geraram dados relevantes quer pela originalidade de alguns dos temas emergentes quer pelo seu contributo significativo para as fases subsequentes do processo de investigação.” (Silva, Veloso, & Keating, 2014, p.187), estas foram construídas com questões dirigidas a um grupo específico e com o objetivo de serem debatidas nesse mesmo grupo, posto isto as respostas puderam ser diferentes e comparáveis. Este tipo de entrevista foi aplicado a:

- Um professor de cada ano de escolaridade 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano;
- Seis alunos dos anos escolares 2.º, 3.º e 4.º ano, dois de cada ano, escolhidos pelos PTT e pela investigadora, tendo sido realizada uma entrevista em *focus-group* com todos os alunos.⁵

As entrevistas individuais (Anexo III e IV) realizadas foram construídas com perguntas dirigidas a um indivíduo em específico. Este tipo de entrevista foi aplicado a:

- Professores de AEC, de Expressão Plástica e de Atividade Física e Desportiva;
- Coordenadora do estabelecimento de ensino.

Após a aplicação das entrevistas, foram dados passos subsequentes à sua realização, nomeadamente a verificação dos dados no que diz respeito à validade da entrevista, comparação dos dados com outros dados externos, à relevância da entrevista, ou seja a importância dos dados obtidos em relação aos objetivos estipulados e à clareza, por exemplo, referências que os entrevistados realizaram a determinadas situações ou locais.

⁵ Nota: em conversa com os PTT decidiu-se unanimemente de que os alunos de 1.º ano não seriam viáveis ou relevantes para esta entrevista, com base na sua pouca eficácia e compreensão

4.3.2. Questionários

A técnica de inquérito por questionário, segundo Quivy & Campenhoudt (1995):

Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores. (p. 188)

Este tipo de inquérito remete para uma análise de dados mais quantitativos sobre determinado tema em estudo, que neste caso específico são as AEC.

Para acompanhar os questionários e contextualizar o estudo desenvolvido pela investigadora, foi construído um recado de contextualização do estudo para os pais (Anexo V), este recado é composto pela identificação da investigadora, do seu Mestrado e o âmbito da investigação, tendo sido colocado como capa do questionário.

A distribuição destes cinquenta questionários (Anexo VI) pelas turmas, teve como objetivo a recolha de informação sobre a opinião dos Encarregados de Educação dos alunos desta escola, no que diz respeito à gestão e organização da Atividades de Enriquecimento Curricular, ao seu funcionamento e ao seu contributo para os seus educandos.

Após a data limite de devolução dos questionários, foram recolhidos 32 questionários preenchidos pelos EE, estes foram lidos e organizados, de forma a serem posteriormente transcritos para Excel individualmente, com o objetivo de serem analisados e interpretados.

O conjunto de informação reunida a partir destes questionários, permitiu a investigadora interpretar um todo de toda a informação e descrever o resultado da recolha de dados. O facto destes dados serem quantitativos permitiu à investigadora quantificá-los e compará-los entre si, conseguindo extrair deles informação relevante para a investigação.

4.4. Processo de análise de dados

Esta análise de dados tem como base a recolha conteúdos relacionados com o tema desta investigação, por meio de observação não participante, durante todo o período de estágio e a partir das conversas informais com os intervenientes.

A conversas informais, registadas em notas de campo, serviram de ponto de partida para a realização desta investigação. Para além disso, o interesse pela temática em questão, surge com as sucessivas conversas com os Professores Titulares de Turma (PTT), os alunos e os Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular (PAEC). Motivando, assim, a investigadora a procurar novos conhecimentos sobre toda a matéria em torno das AEC e da ETI.

Sendo que os conhecimentos pré-existentes, por parte da investigadora sobre esta temática, eram de conhecimento geral todas estas estratégias aplicadas durante a investigação contribuiriam para um conhecimento mais aprofundado sobre a matéria. Posto isto, foram surgindo também, algumas problemáticas neste campo, faladas pelos diversos atores, das quais a articulação entre eles, o conteúdo das atividades, a organização e gestão dos horários, dos professores, entre outras.

Tendo em conta, que esta investigação é de curta duração, não foi possível à investigadora analisar todas as problemáticas encontradas em campo e por este motivo foram apenas selecionadas algumas situações do seu interesse. Para analisar as problemáticas selecionadas foram construídas e aplicadas entrevistas aos Professores Titulares de Turma (Anexo I), aos alunos (Anexo II), aos Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular (Anexo III), à coordenadora (Anexo IV) e questionários aos Encarregados de Educação (Anexo VI).

Após a aplicação destas técnicas de recolha de dados, nomeadamente as entrevistas por via áudio, foram transcritas para suporte digital (*Word*) todos os áudios recolhidos durante as entrevistas (Anexo I, II e III), relativamente aos questionários, os dados contidos neste foram transcritos também para suporte digital (*Excel*) de modo a facilitar a análise dos dados pela investigadora e a elaboração de gráficos.

A partir desta transcrição para suporte digital, a investigadora comparou a literatura apresentada no quadro teórico com os dados obtidos e apresentou a análise e discussão dos dados.

Capítulo III - Análise de dados e discussão dos dados

No decorrer do processo de análise de dados, a investigadora segue para a discussão de dados, entre os dados retirados da literatura anteriormente apresentada e os dados retirados em campo. Esta discussão tem como objetivo comparar a literatura lida pela investigadora com os dados retirados das entrevistas e dos questionários em função das questões de pesquisa.

1.1. Análise e discussão dos dados

A análise e discussão dos dados foi feita em função das questões de pesquisa estruturadas inicialmente e segundo a literatura apresentada. Posto isto e de forma a fundamentar esta discussão surgem, ao longo do texto, citações da literatura, transcrições das entrevistas e dos questionários e dados relevantes como gráficos.

No que diz respeito ao modo de funcionamento das Atividades de Enriquecimento nesta escola foi possível verificar-se junto dos professores que referem que as AEC

“(...) foram concedidas num bom propósito, mas não creio que se esteja a concretizar plenamente por isso acho que tem grandes potencialidades, mas a forma como estão a ser implementadas e a forma como estão a ser desenvolvidas, acho que não está a ser a melhor (...)”. (Anexo I, Linhas: 4 – 7)

Referindo ainda que,

“(...) funcionariam melhor se a gestão das AEC em termos de horários fosse melhor.”
(Anexo I, Linhas: 11 – 12)

Segundo os professores, o horário das AEC deveria ser verificado de forma a melhorar a sua gestão e dinamização mais produtiva.

Ainda sobre o funcionamento da AEC, a Coordenadora refere

“Acho que não funcionam tão bem quanto aquilo que se esperava, o objetivo era ajudar as famílias para que os meninos tivessem outras atividades não letivas, em vez de estarem em colégios. Só que nos moldes de colocação de professores não funciona bem e às vezes quando alguém desiste é porque são mal pagos, quando alguém falta podiam ser substituídos também não são enquanto não houver um concurso como deve de ser, não resulta muito.” (Anexo IV, Linhas: 2 – 7).

Na opinião da Coordenadora, a remuneração dos PAEC face à qualidade de trabalho, aos horários e ao interesse de permanência nesta colocação, são fatores que quando não são conseguidos resulta na desistência dos PAEC perante este cargo e os alunos entre este tempo de desistência e de um novo concurso para uma nova colocação, ficam sem AEC por vezes o resto do ano letivo.

Neste sentido, procurou-se saber mais sobre os concursos para colocação dos PAEC, a Coordenadora refere que

“(...) o objetivo às vezes também não é bem transmitido às pessoas que vêm, não conseguem dar aquilo que é o objetivo das AEC alguns muito bem outros não têm tão boa formação.” (Anexo IV, Linhas: 10 – 12)

Relativamente a esta formação necessária para dar AEC a Coordenadora refere que

“tem de ter a Atividade Física e Desportiva formação nessa área, como Expressão Plástica como Música, que também já tivemos, mas formação propriamente não tem, as pessoas são escolhidas porque tem formação nessa área, mas se estão adequados para virem dar uma AEC talvez não se vá a esse pormenor.” (Anexo IV, Linhas: 22 – 25)

Continuando sobre as planificações e programas

“Os professores têm programas, mas geralmente não vão buscar esses programas.” (Anexo IV, Linhas: 30 – 31)

Relativamente ao horário que os PTT referem, a Coordenadora corrobora

“O ideal será depois das atividades letivas, era o grande objetivo. As vantagens serão se fossem no final do horário. No meio acaba por prejudicar e acaba por ser uma aula que já não vai ter o mesmo efeito do que se fosse tudo seguido. As desvantagens é quebrar o ritmo de sala de aula.” (Anexo IV, Linhas: 16 – 19)

A situação dos horários, segundo a Coordenadora Pedagógica prende-se na colocação das AEC no “meio” do horário curricular e dá como solução serem apenas no final do dia.

De acordo com Pires (2007), que refere “(...) oferecendo aos alunos novas oportunidades de aprendizagem que passam pela implementação de AEC (...)”, corrobora a opinião do PAEC referindo que

“É importante que os alunos tenham contacto com várias atividades e as AEC dão-lhes essa oportunidade (...)” (Anexo III, Linhas: 2 – 3)

Fundamentado que

“São os estímulos diferentes que recebem dos professores faz com que tenham várias ferramentas para o seu futuro.” (Anexo III, Linhas: 6 – 7).

Refletindo sobre a opinião dos entrevistados acima as AEC são importantes para o desenvolvimento dos alunos ao longo do ano letivo.

No ponto de vista dos alunos, sobre que tipo de atividades fazem durante as AEC, tendo em conta que nesta instituição os alunos de 1.º e 2.º ano tem como AEC Atividade Física e Desportiva e Expressão Plástica e os alunos de 3.º e 4.º ano tem como AEC Atividade Física e Desportiva e Inglês. Os alunos referem que fazem em

“Educação Física: Atletismo, desporto e outras atividades curriculares / Inglês: aprendemos a falar inglês” (Anexo II, Linha: 36)

Continuando

“EF: desporto / EP: atividades papagaios de papel, máscaras...” (Anexo II, Linha: 39).

Aprofundando ainda, o que é para eles cada AEC,

“Em Educação Física aprendemos a ser atletas e a fazer algo que não conseguimos / no Inglês aprendemos essa cultura porque na vida vamos precisar muito” (Anexo II, Linhas: 53 – 54)

continuando os alunos de 2.º ano,

“Aprendemos jogos novos em educação física e na expressão plástica aprendemos a fazer objetos em papel, pinturas e colagens.” (Anexo II, Linhas: 57 – 58),

estas atividades referidas anteriormente em comparação com as atividades curriculares com o PTT, referem que

“Na de Português aprendemos a ler, na Matemática aprendemos a contar e fazer contas no estudo do meio aprendemos sobre o mundo, no Inglês aprendemos palavras a inglês e na expressão plástica aprendemos a fazer objetos e na Educação Física aprendemos a fazer jogos.” (Anexo II, Linhas: 62 – 64)

continuando em tom de desabafo,

“A professora TT faz a Expressão Plástica connosco porque nós não temos Expressão Plástica.” (Anexo II, Linha: 88),

pode verificar-se que em todas as “disciplinas” aprendem a fazer algo novo que não sabiam até então, neste sentido, não fazem referência a nenhum tipo de brincadeira ou atividade livre, quando um dos propósitos da AEC é mesmo esse.

Continuando, quando falta algum docente de AEC referem que

“Não, quando a professora de expressão plástica não está cá ficamos com o (...) auxiliar sem fazer nada e a educação física o mesmo.” (Anexo II, Linhas: 93 – 94),

não existem substituições dos professores de AEC, estando os PTT em horário não letivo os alunos são “obrigados” a ficar mais horas dentro das suas salas, sentados nos seus lugares, num horário que seria de atividade livre, quando isto acontece essa “liberdade” fica totalmente comprometida.

No ponto de vista dos Encarregados de Educação, estes têm uma opinião satisfatória relativamente ao funcionamento das AEC, no que diz respeito à sua dinamização, 97% os Encarregados de Educação consideram que promovem novas

aprendizagens e conhecimentos aos alunos, bem como 91% notam alguma evolução nos seus educandos no decorrer da sua frequência.

Relativamente às condições e materiais para a implementação das AEC, 84% dos inquiridos respondeu que a instituição não tem condições para a realização da Atividade Física e Desportiva, contudo 88% concordam que a escola tem materiais para a implementação de ambas as AEC lecionadas.

Relativamente ao modo de seleção das AEC nesta escola, segundo os PTT referem que

“(...) foram escoltados os professores e foram renunciados em relação às atividades que achariam as mais adequadas dentro de algumas possibilidades (...)” (Anexo I, Linhas: 23 – 25)

continuando

“Os horários é que não passam por nós é uma decisão da direção de ajuste dos colegas que aceitam a oferta de AEC (...)” (Anexo I, Linhas: 29 – 30)

Aqui pode verificar-se que a questão dos horários acima mencionados, não passam pelos PTT, mas sim pela direção e de acordo com os PAEC selecionados, logo os professores não podem fazer nada relativamente a este ponto, apenas aceitar os horários não letivos, inseridos na carga letiva curricular.

Na opinião da Coordenadora ainda neste sentido sobre novas AEC para a escola, refere que

“(...) gostava de ter Música porque acho que era essencial, ou Expressão Dramática acho que era importante para os meninos terem essa parte.” (Anexo IV, Linhas: 41 – 43).

Segundo esta, era importante existir mais ofertas de AEC nesta escola, pois seria uma mais valia para os seus alunos. Contudo, para existirem novas AEC teriam de existir, também, espaços com condições para estas serem lecionadas, o que não acontece com as AEC já existentes, concordando a Coordenadora que diz que

“(...) para a Atividade Física e Desportiva só há um espaço adequado de resto tem de ser fora, o pátio não está bom, tem de levar uma volta, umas obras, precisava de um pavilhão para se poder fazer como deve ser a atividade.” (Anexo IV, Linhas: 49 – 51),

continuando agora sobre os recursos para a dinamização dessas AEC,

“Os recursos físicos não são adequados porque só temos um espaço apropriado e mesmo assim é um local de passagem e interior, depois quando é inverno é na sala de aula e fazem-se outras coisas que não propriamente a Atividade Física e Desportiva. Os materiais, por enquanto temos tido, graças a deus, têm se mantido alguns, é um escola que tem materiais, de início quando se iniciou as AEC arranjou-se um bocado bom para pedir materiais, mas agora já estão a ficar deteriorados.” (Anexo IV, Linhas: 54 – 50).

É possível verificar-se que as condições interiores e exteriores não são as melhores para a dinamização das AEC e que estão a necessitar de intervenção urgente, mas mesmo assim ainda vão tentando poupar os materiais de recurso, recebidos no início da implementação das AEC, que inevitavelmente com o tempo se vão desgastando com o uso.

A opinião da Coordenadora vai de acordo com o Despacho n.º 12 440/2006 de 8 de maio, que menciona que

Consideram-se actividades de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico a) Actividades de apoio ao estudo; b) Ensino do inglês; c) Ensino de outras línguas estrangeiras; d) Actividade física e desportiva; e) Ensino da música; f) Outras expressões artísticas; g) Outras actividades que incidam nos domínios identificados.

Sendo que destas, os estabelecimentos públicos têm obrigatoriedade de ter

“a) Apoio ao estudo; b) Ensino do inglês para os alunos dos 3.º e 4.º anos de escolaridade.”

Verifica-se que por vontade da Coordenadora existiam mais atividades se assim o espaço o permitisse, contudo não é possível, ficando esta escola dentro dos requisitos mínimos por lei sobre a sua oferta de AEC.

Na opinião dos EE, relativamente a este tema, as respostas dos 32 questionários recolhidos, dividem-se com alguns a responder que sim e outros que não, contudo acabam por concordar entre si, quando se pergunta se seria importante existirem outras AEC, 94% dos inquiridos responderam que sim, seria importante existirem novas AEC, tendo alguns, manifestado a sua preferência para novas AEC como:

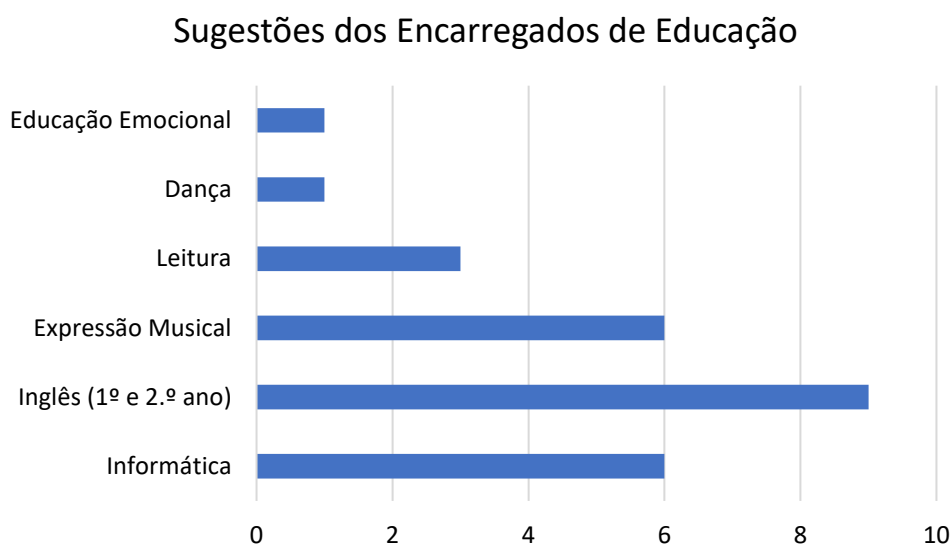


Gráfico 1 - Sugestões dos Encarregados de Educação

Sendo o Inglês nos 1.º e 2.º anos a opção mais escolhida de todas, 9 inquiridos, seguido da Expressão Musical e a Informática, cada uma com a preferência de 6 inquiridos. Estas sugestões surgem no âmbito da opinião dos EE, com o intuito de enriquecer a oferta de AEC, como corroborando com Pires (2014) sobre as AEC, estas devem “(...) proporcionar uma medida de “compreensão” visando a promoção da igualdade de oportunidade no acesso a atividades paraescolares (desportivas, artísticas, culturais, etc.)” (p. 17)

Ainda sobre a opinião dos EE, 75% dos inquiridos respondeu negativamente à questão sobre se a escola promove a articulação com a família, contrariando Almeida (2009 citado por Simões 2013) que refere que “as escolas com melhores resultados escolares são aquelas que apresentam melhores índices de participação dos pais.” (p. 96)

No que diz respeito à articulação deve, também, ter se em conta a relação entre os PTT e os PAEC e o modo de articulação entre os dois, que segundo Machado & Cruz,

o facto do PTT “interagir com professores de disciplinas, mantém um grupo constante de alunos e reparte com os demais professores/técnicos o acompanhamento das crianças” desta forma dependem dos parceiros “para dispor da informação escolar atualizada dos seus alunos.”. (2014, p. 183)

Neste sentido, procurou-se saber mais sobre a seleção dos PAEC, na opinião dos PTT, que referem que

“(...) em termos de seleção dos docentes que lecionam estas atividades às vezes também não é a melhor e às vezes temos colegas a lecionar estas atividades que não tem o perfil adequado para as lecionar por isso deveria ser se mais criterioso na decisão porque às vezes parece que as pessoas selecionadas não tem perfil para trabalhar com meninos do 1.º CEB (...)” (Anexo I, Linhas: 48 – 52),

referindo, ainda que

“(...) a parte monetária também é aqui muito evidenciada porque como a entrevistada estava a dizer tem de haver um critério mais rigoroso na seleção dos colegas porque muitas vezes existe também uma desresponsabilização por parte de quem está a lecionar AEC, o que é que isso faz, faz com que muitas vezes tenha de haver um reajuste porque nem todas as pessoas na relação qualidade /remuneração nem todas as pessoas concorrem a estas ofertas de horários (...)” (Anexo I, Linha: 56 – 61).

Como referido pelos PTT a relação qualidade / remuneração poderá afetar a candidatura / seleção do PAEC para dinamização deste tipo de atividades, é referido também, como ponto a melhorar, o perfil dos PAEC para realizar atividades com alunos dos 1.º CEB.

É possível ver-se aqui, na opinião dos PTT, uma relação entre o perfil dos candidatos para dinamizar as AEC e a qualidade de trabalho / remuneração, que no ponto de vista dos PTT esta correlação, surge, caso a qualidade de trabalho e a remuneração fossem melhores, o perfil dos PAEC também melhoraria.

Esta melhoria, poderia também contribuir para uma melhor articulação entre os PAEC e os outros intervenientes, nomeadamente a família, como referem,

“Muitas vezes os pais queixam-se de não conhecerem os professores de AEC, não conhecem as atividades, acho que os professores das atividades deviam ser convocados para a reunião de pais (...)” (Anexo I, Linhas: 76 – 78),

posto isto é feita uma sugestão para a melhoria desta articulação, continuando

“Existe a necessidade de descentralização, há o professor titular e muitas vezes, como noutros agrupamentos que os professores das AEC nem podem utilizar a caderneta que é o veículo de comunicação entre a escola e a família (...)” (Anexo I, Linhas: 82 – 84)

referindo ainda que

“É importante também para a família conhecer os outros professores que estão a trabalhar com os seus filhos, criar ali uma relação de segurança, empatia entre a família e os PAEC (...)” (Anexo I, Linhas: 95 – 97).

Esta articulação entre todos os intervenientes, deve também ser praticada com os PTT, sobre este ponto referem que

“(...) temos trabalhado em articulação, os PAEC preocupam-se em saber os temas que estamos a trabalhar, nomeadamente expressão plástica (...)” (Anexo I, Linhas: 102 – 104),

desabafando que

“(...) nós aqui não nos podemos queixar, porque eles participam com todo o apoio que nós pedimos, no carnaval também, mesmo não só em atividade física com também plástica, não quer dizer que não haja uma situação ou outra mais pontual que não correu também (...)” (Anexo I, Linhas: 108 – 111).

Em relação à articulação dos PAEC com a restante comunidade pode comprovar-se que com a família são necessárias melhorias, possivelmente com a sua presença nas reuniões de pais, contudo com os PTT esta articulação é feita frequentemente.

Para além das reuniões de pais que, como referido, são apenas entre os PTT e os Encarregados de Educação, a investigadora questionou-os sobre a existência de reuniões dos PTT com os PAEC, ao que lhe foi transmitido que

“Há sempre uma partilha de conversa informal porque nos cruzamos na sala dos professores e quando há alguma coisa que não nos encontremos na sala dos professores há um telefonema ou um recado (...)” (Anexo I, Linhas: 129 – 131).

Pode verificar-se que não existe nenhum tipo de “obrigação” de realização de reuniões dos PAEC com os PTT mas, sim, apenas conversas informais.

Na opinião dos PAEC, relativamente à articulação e ao conteúdo dinamizado durante as AEC, referem que fazem uma

“Autogestão de acordo com aquilo que as turmas estão a trabalhar com os colegas titulares” (Anexo III, Linhas: 10 – 11),

nota-se aqui que existe articulação e empenho em saber o que está a ser lecionado pelos PTT, contudo sobre a existência de aulas em conjunto, referem que

“Normalmente não, a não ser que seja uma atividade feita em coordenação com o/a colega” (Anexo III, Linhas: 28 – 29).

Quando não existe articulação entre PTT e PAEC, as atividades dinamizadas em AEC vão, segundo o PAEC

“(...) ao encontro daquilo que eles pedem para fazer/experimentar enquadrando tudo para que eles aprendam o máximo.” (Anexo III, Linhas: 51 – 53).

Mesmo existindo alguma articulação, neste caso, verifica-se que existe um distanciamento entre os PAEC e os PTT, referindo a PAEC

“algumas atividades poderiam ser integradas no horário da manhã, tal como as visitas de estudo poderiam ser feitas com o acompanhamento dos professores das AEC para que os alunos se sintam tão à vontade com os colegas titulares como com os colegas das AEC. No tempo do funcionamento das AEC acho que não há necessidade de haver alteração, estas alterações são apenas na relação entre os professores e os alunos.” (Anexo III, Linhas: 63 – 68).

Com base nesta última transcrição, observa-se que os PAEC entendem que tem de existir algum tipo de articulação com os restantes membros da escola para um melhor desenvolvimento do seu trabalho e para um melhor envolvimento dos seus

alunos, contudo pode verificar-se acima que a remuneração face à qualidade de trabalho e ao horário não lhes permite que assim aconteça, pois, segundo a Coordenadora, os PAEC tem outros empregos para conciliar com as AEC que não podem faltar, “obrigando-os” a canalizar o seu empenho para dois lados, acabando por não ser possível existir uma articulação, empenho e dedicação em conjunto da instituição para os seus alunos.

Na opinião da Coordenadora, sobre a articulação entre os diversos atores, esta refere que

“(...) quando fizemos a nossa festa de final de ano, cada turma apresentava qualquer coisa e contavam com apoio dos PAEC, ultimamente não temos tido porque as festas eram muito longas. Geralmente pedimos a colaboração dos professores de Atividade Física e Desportiva para as festas. Com a comunidade em si não porque o grande problema é que se eles fossem bem pagos faziam mais, estavam mais presentes para adaptar outras coisas. (...) Neste momento não porque não tem disponibilidade, tem outros empregos que depois não conseguem ir a tudo.” (Anexo IV, Linhas 62 – 70),

continuando

“Com a coordenação é mais em termos administrativos, conversa sobre o que falta de material como está a correr do que é que precisam, cada um tem a sua liberdade de conversar, tento incentivar para isso. (...) (Anexo IV, Linhas: 79 – 81).

É possível perceber que a Coordenadora tem a consciência das problemáticas e situações existentes na escola e até tenta conciliar algumas soluções, contudo a sua opinião vai bastante ao encontro dos PTT sobre todo este universo das AEC.

No universo das AEC, a investigadora procurou saber quais as AEC que melhor contribuem para o desenvolvimento dos alunos, na opinião dos PTT, que referiram que durante a frequência das AEC existentes na escola

“Notamos no decorrer do ano, não está diretamente relacionado com as AEC, no decorrer do ano notamos sempre evolução...” (Anexo I, Linha: 148 – 149),

segundo os PTT os seus alunos acabam por evoluir, não apenas pela frequência das AEC mas num todo ao longo do ano, neste ponto de vista as AEC acabam por contribuir /

complementar a parte curricular e fazer com que a turma evolua tanto ao nível motor como cognitivo, dando ênfase aos principais objetivos das AEC “promover a educação para a comunicação, motivando para valores como o respeito pelo outro, a ajuda mútua, a solidariedade e a cidadania (...) proporcionar experiências de aprendizagem significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras”. (Bento, C., Coelho, R. et al, 2005, p. 11)

Neste sentido, a investigadora procurou saber quais as AEC que os alunos têm mais preferência e porquê, segundo eles

“Eu prefiro mais Expressão Plástica porque às vezes os professores de Educação Física repetem muito os jogos e nós não gostamos muito de estar a fazer coisas repetitivas e em Expressão Plástica fazemos desenhos diferentes, ou recortamos ou colamos ou até aprendemos outras matérias como da outra vez tivemos de dobrar uma folha para fazer um barquinho e medir o perímetro.” (Anexo II, Linhas: 117 – 120),

no que diz respeito a novas AEC referem que gostariam de ter

“Espanhol / Música porque eu gosto de aprender música e outras línguas/culturas” (Anexo II, Linhas: 144).

A opinião dos alunos, mostra que apesar de alguns pontos menos fortes na dinamização das AEC, os alunos têm gosto por frequentá-las e demonstram também interesse em ter novas AEC, confirmando a opinião da Coordenadora que refere que

“eles gostam de frequentar, gostam de Atividade Física e Desportiva, gostam de Expressão Plástica. O comportamento nem sempre é adequado por falta de algumas regras (...)”. (Anexo IV, Linhas: 34 – 36)

Por fim, pode verificar-se que os alunos gostam de frequentar as AEC existentes e gostariam que existissem mais. A seleção dos PAEC, segundo os PTT e a Coordenadora, deveria ser mais criteriosa no que diz respeito à sua formação e ao perfil dos PAEC para lecionar no 1.º CEB, a remuneração dada a estes PAEC se fosse melhor, bem como o seu horário, melhoraria efetivamente o seu empenho e desenvolvimento das atividades com os alunos, bem como na articulação da AEC com os PTT, com as famílias e com a coordenação.

Considerações finais

O estudo desenvolvido que deu origem a este trabalho final de mestrado, teve como ponto de partida o interesse pessoal e profissional sobre a temática das Atividades de Enriquecimento Curricular e todas as componentes que se relacionam com este tema no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Tendo em conta esta temática, foram formulados objetivos gerais do estudo, tais como, analisar a forma como é feita a seleção das Atividades de Enriquecimento Curricular mediante o contexto de cada escola, conhecer a relação entre os Professores Titulares de Turma e os Professores Atividades de Enriquecimento Curricular e qual o modo de articulação entre eles, conhecer o caráter lúdico das Atividades de Enriquecimento Curricular e identificar o tipo de Atividades de Enriquecimento Curricular que contribui melhor para o desenvolvimento dos alunos na opinião dos Professores Titulares de Turma e da Coordenadora.

Sobre estes objetivos gerais, no que diz respeito ao contexto, a relação escola-família, segundo a literatura, a família será sempre a unidade básica e principal responsável pelo desenvolvimento e aprendizagem dos seus educandos, devendo estar em constante articulação e colaboração com a escola, esta colaboração entre a família e escola implica múltiplos atores com diferentes interesses e pontos de vista. Neste sentido, a vantajosa colaboração entre a escola e a família reflete-se numa relação “difícil”, que apesar do interesse mútuo de participação tanto na vida escolar, como na vida familiar, a promoção desta relação é escassa na escola investigada, levando a uma escolha de Atividades de Enriquecimento Curricular generalizada e não individualizada de acordo com o contexto.

Sendo que, a promoção desta relação parte também dos professores, a investigação também teve em conta estes intervenientes do meio escolar, verificando-se que existem desencontros e desajustes ao nível do trabalho de equipa dentro da escola, tornando-se assim, complicado gerir relações com a comunidade sem previamente existir um trabalho de equipa bem organizado. Neste sentido a investigação trouxe um novo dado sobre os horários, a articulação e o trabalho em

equipa entre Professores Titulares de Turma e Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular, nomeadamente a flexibilização do horário curricular e não curricular, surgindo a questão se seria esta flexibilização do horário promotora de maior envolvimento dos Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular com os Professores Titulares de Turma e por consequência um maior empenho dos professores em integrar a família nas atividades escolares.

A integração da família nas atividades escolares, poderá ser um fator predominante no desempenho e interesse dos alunos pela escola e pelas Atividades de Enriquecimento Curricular, nomeadamente nesta escola, onde os alunos demonstram gosto pelas atividades, contudo não fazem referência a atividades livres e brincadeiras, sendo estes dois pontos a base principal do contexto informal destas atividades.

No decorrer da investigação, surgiram ainda, dados relevantes relativamente aos Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular, quando algum professor das atividades falta ou desiste, este não é substituído, ficando os alunos entregues a um funcionário dentro da sala de aula ou em caso de desistência, sem atividades até novo concurso que por vezes pode ir até ao final do ano letivo. Esta instabilidade dos Professores de Atividades de Enriquecimento, deve-se, segundo a Coordenadora, ao facto de estes professores serem contratados pelas Autarquias com horários inferiores a dez horas semanais, forçando-os a procurar outro emprego para conciliar com as atividades, fazendo com que à primeira oportunidade desistam.

Para dar resposta a esta situação, seria favorável a criação de um Plano B, que elegesse um professor substituto para realizar com estes alunos atividades livres e/ou autodidáticas relacionadas com a atividade que iriam ter, para que, caso o Professor de Atividades de Enriquecimento faltasse, fosse aplicado, fazendo com que estas atividades não perdessem o seu carácter lúdico para “mais uma hora dentro da sala de aula”.

É de salientar que o objetivo das AEC é tornar um meio de aprendizagem rica, informal e dinâmica até então pago, acessível para todos os alunos da comunidade que a escola abranja e assim ajudar e facilitar as famílias na organização e gestão dos seus horários, face a esta nova ocupação.

Esta investigação, tem o propósito de dar um pequeno contributo ou ponto de partida para uma análise e/ou reflexão sobre algumas situações pertinentes acima mencionadas no que diz respeito à comunidade escolar, mais precisamente às Atividades de Enriquecimento Curricular, onde é notório que ainda existe um longo caminho pela frente de forma a manter, melhorar e reformular certos pontos da implementação das atividades, de forma a promover um bom desenvolvimento e integração dos alunos.

Referências bibliográficas

Almeida, M. (2009). *Escola a Tempo Inteiro: A Perspectiva dos Pais. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Universidade do Minho.

Craveiro, C. (2007). *Formação em contexto: um estudo de caso no âmbito da pedagogia da infância*. Tese de Doutoramento da Universidade do Minho.

Cosme, A. & Trindade, R. (2007). *Escola a Tempo Inteiro - Escola para que te quero?*
PROFEDIÇÕES

Machado, J. & Cruz, A. (2014). *Atividades de Enriquecimento Curricular no 1.º Ciclo do Ensino Básico in Currículo sem Fronteiras*, v. 14, n. 1

Machado, L.; Maia, G. & Labegalini, A. (2007). *Pesquisa em Educação: Passo a Passo*. Edições M3T.

Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Editorial Presença.

Máximo-Esteves, L. (2008) *Visão Panorâmica da Investigação – Acção*. Porto Editora.

Morais, A. M., & Neves, I. P. (2007). *Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. Revista Portuguesa de Educação*, 20 (2), 75-104 (2007).

Pereira, A. M. (2010). *O “calcanhar de aquiles” do programa AEC: A articulação curricular*. Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativas – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Pires, C. (2007). *A Construção de Sentidos em Política Educativa: o caso da Escola a Tempo Inteiro*. In: *Revista de ciências da educação* · n.º 4

Pires, C. (2014). *Escola a Tempo Inteiro - Contributos para análise de uma política pública de educação*. DE FACTO EDITORES

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva

Serrano, G. (2004). *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes – I. Métodos*. Ed. La Muralla

Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). *Focus group: Considerações teóricas e metodológicas*. Revista Lusófona de Educação, 26, 175-190.

Silva, S. (2020) *Escola a tempo inteiro “só com mais professores”, avisam os directores*. In: Jornal Público

Simões, M. G. (2013). *Formação Parental em contexto escolar: Promoção da construção de pontes entre escola e família*. Tese de Doutoramento da Universidade de Coimbra.

Sousa, O., Cardoso, C. & Dias, M. (2011). “*Formar professores, investigar práticas - Actas do IV Encontro do CIED*”. (pp. 66-67) Escola Superior de Educação de Lisboa.

Vale, I. (2004). *Algumas Notas sobre a Investigação Qualitativa em Educação - O Estudo de Caso*. Escola Superior de Educação.

Verdasca, J. (2011). *A Escola a Tempo Inteiro*. REVISTA ALENTEJO EDUCAÇÃO – N.º3, pp.6-7

Vilelas, J. (2017). *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*. Edições Sílabo, Lda.

Fontes

Decreto-Lei n.º 286/89, Diário da República n.º 198/1989, Série I de 1989-08-29. Lisboa, Ministério da Educação.

Despacho n.º 141/ME/1990, Diário da República - 2.ª Serie, N.º [202], de 01.09.1990, Pág. 9756. Lisboa, Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 6 /2001, Diário da República n.º 15/2001, Série I-A de 2001.01.18. Lisboa, Ministério da Educação.

Despacho n.º 16 795/2005, Diário da República - 2.ª Serie, N.º 148, de 03.08.2005, Pág. 11101. Lisboa, Ministério da Educação.

Despacho n.º 12 440/2006, Diário da República - 2.ª Serie, N.º 115, de 16.06.2006. Lisboa, Ministério da Educação.

Despacho n.º 14460/2008, Diário da República - 2.ª Serie, N.º 100/2008 de 2008-05-26. Lisboa, Ministério da Educação.

Despacho n.º 9265-B/2013, Diário da República - 2.ª série, N.º 134 de 15.07.13. Lisboa, Ministério da Educação.

Despacho n.º 5262/2014, Diário da República - 2.ª série, N.º 73 de 14.04.2014. Lisboa, Ministério da Educação.

Despacho n.º 644-A / 2015, Diário da República - 2.ª série, 3º Suplemento N.º 164/2015, de 24.08.15. Lisboa, Ministério da Educação.

Direção Geral da Educação, (s.d), disponível em <https://www.dge.mec.pt/enquadramento-7>

Direção Geral da Educação, (s.d), disponível em <https://www.dge.mec.pt/teip>

Direção Geral da Educação, (2017), disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/aec_relatorio_2016_2017.pdf

Educação, C. N. (13 de fevereiro de 2016). Lei de Bases do Sistema Educativo. Obtido de Conselho Nacional de Educação: <https://www.cnedu.pt/pt/noticias/cne/1039-lei-de-bases-do-sistema-educativo>

Lei de Bases n.º 46/86 - Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14, de 14 de outubro. Ministério Público. Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=1744A0048&nid=1744&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=#artigo

Anexos

Anexo I – Entrevista aos Professores de Titulares de Turma

Atividade de Enriquecimento Curricular

- Entrevista aos Professores Titulares de Turma -

Esta entrevista é realizada no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, em frequência no ISEC Lisboa.

O estudo tem como objetivo, reunir informação sobre as *Atividades de Enriquecimento Curricular*, sendo por isso fundamental a vossa colaboração.

Importa salientar que todas as respostas dadas serão mantidas em total confidencialidade e anonimato, sendo somente utilizadas para tratamento de dados no âmbito do Relatório Final de Mestrado.

Agradeço desde já a participação.

A seguinte entrevista será realizada com o objetivo de reunir informação sobre as AEC. A vossa participação será uma mais valia para este estudo, por isso tente responder com sinceridade e com a sua opinião.

Professor 1.º ano – P1

Professor 2.º ano – P2

Professor 3.º ano – P3

Professor 4.º ano – P4

1 Entrevistador: Qual a sua opinião sobre as AEC no 1.º CEB?

2 Professor 2: A minha opinião não é positiva, a minha opinião sobre as AEC é que são
3 para encher “buraco” e para encher o tempo.

4 P1: A minha opinião está dividida eu acho que elas foram concedidas num bom
5 propósito mas não creio que se esteja a concretizar plenamente por isso acho que tem
6 grandes potencialidades mas a forma como estão a ser implementadas e a forma como
7 estão a ser desenvolvidas, acho que não está a ser a melhor e acho que devíamos pensar
8 ai em algumas mudanças.

9 P3: Eu também tenho uma opinião muito dividida acho que o objetivo era um e não está
10 a ser de facto cumprido, da minha turma não tenho razão de queixa das AEC acho que
11 funcionam bem mas funcionariam melhor se a gestão das AEC em termos de horários
12 fosse melhor.

13 P4: Em relação ao 4.º ano, os meus alunos têm atividade física e desportiva, não me
14 posso queixar muito relativamente à atividade, no entanto também considero
15 importante referir que o horário em que elas estão a ser executadas não é o melhor.
16

17 E: Sabe ou conhece como é feita a decisão de quais as AEC que iriam ser oferecidas este
18 ano letivo?

19 P2: Penso que seja o mesmo que todos os anos, aqui não há muito a mexer no horário
20 porque também a oferta não muita, penso que seja muito difícil ter professores com os
21 horários que também são oferecidos a esses professores que queriam aceitar esses
22 mesmo horários.

23 P1: Na reunião de departamento, foram escoltados os professores e foram
24 renunciados em relação às atividades que achariam as mais adequadas dentro de
25 algumas possibilidades por isso nós também temos algum poder de decisão nessa
26 escolha.

27 P3: Especialmente a faixa etária e o tipo de atividades que eles necessitam, um grupo
28 de 4.º ano precisa de um tipo de atividade diferente de um grupo de 1.º ano por isso

29 nós somos escoltados em reunião. Os horários é que não passam por nós é uma decisão
30 da direção de ajuste dos colegas que aceitam a oferta de AEC e os horários noutras
31 escolas, os horários não temos decisão, mas o tipo de AEC temos decisão.

32 P4: Eu acho que a direção é que escolhe os professores e lhes atribui o horário,
33 consoante a disponibilidades dos professores das AEC assim serão preenchidos os
34 horários dos professores.

35

36 E: Participou de alguma forma nessa decisão?

37 P2: Sim

38 P1: Sim, na reunião de departamento, fomos escoltados.

39 P3: Foram votadas.

40 P4: Sim.

41

42 E: Considerando as AEC no seu agrupamento, qual a sua opinião sobre a forma de como
43 estão organizadas e como são coordenadas?

44 P2: A questão dos horários para nós nem sempre é a mais vantajosa porque são
45 colocados no meio dos nosso horários o que nos obriga a ter furos pelo meio, não é
46 benéfico nem para nós nem muitas das vezes para as crianças porque quando falta o
47 professor não há substituições que se possam fazer.

48 P1: Acho que mesmo em termos de seleção dos docentes que lecionam estas atividades
49 às vezes também não é a melhor e às vezes temos colegas a lecionar estas atividades
50 que não tem o perfil adequado para as lecionar por isso deveria ser se mais criterioso
51 na decisão porque às vezes parece que as pessoas selecionadas não tem perfil para
52 trabalhar com meninos do 1.º CEB, acho que é uma das dificuldades outra a dos
53 horários, muitas vezes os horários para encaixar na atividades acabam por ser
54 prejudiciais para trabalhar a parte letiva com as nossas turmas e depois penso que mais
55 nada.

56 P3: É assim a parte monetária também é aqui muito evidenciada porque como a P1
57 estava a dizer tem de haver um critério mais rigoroso na seleção dos colegas porque
58 muitas vezes existe também uma desresponsabilização por parte de quem está a
59 lecionar AEC, o que é que isso faz, faz com que muitas vezes tenha de haver um reajuste
60 porque nem todas as pessoas na relação qualidade /remuneração nem todas as pessoas
61 concorrem a estas ofertas de horários, pois são horários pequenos faz com que também
62 os critérios deixem muito a desejar, o que é que acontece quando precisam de faltar,
63 faltam.

64 Os meninos não podem ficar sozinhos, não têm quem os substitua, faz com que nós PTT
65 tentemos também reajustar aqui o horário para não os deixar sozinhos, porque ao fim
66 ao cabo que fica prejudicado são os alunos porque não podem ficar sozinhos e nós não
67 temos professores que venham substituir e muitas vezes há professores que concorrem
68 ao horário, aceitam o horário e passado um mês são colocados noutra situação com um
69 horário com mais horas, recebem muito mais e largam este horário, depois não se
70 consegue mais ninguém até ao fim do ano, portanto é um problema muito grande estas
71 questões daí achar que não estão a ser bem geridas.

72 P4: Eu acho que as minhas colegas já disseram tudo, é mesmo isso.

73

74 E: Existe algum tipo de articulação entre as AEC e a família?

75 P2: Não

76 P1: É um aspeto que também tinha de ser melhorado. Muitas vezes os pais queixam-se
77 de não conhecerem os professores de AEC, não conhecem as atividades, acho que os
78 professores das atividades deviam ser convocados para a reunião de pais, acho que não
79 há uma relação ainda adequada, aquela que nós achamos que devia ser a desejada entre
80 os colegas das AEC e a família, continua a ser o professor titular ali no centro enquanto
81 os outros colegas...

82 P3: Existe a necessidade de descentralização, há o professor titular e muitas vezes, como
83 noutros agrupamentos que os professores das AEC nem podem utilizar a caderneta que
84 é o veículo de comunicação entre a escola e a família, mas se calhar o único contato que

85 existe entre a família e AEC são questões pontuais, de os meninos não podem fazer
86 atividade física porque estão lesionados, questões pontuais, não há aquela articulação
87 ou ligação entre os PAEC e a família...

88 P4: Eu acho que a articulação passa mesmo pelo professor titular, PAEC falam connosco
89 e nós falamos com a família, não há assim uma ligação direta.

90 P1: O que também põe o papel deles em segundo plano, acaba por não ser um papel
91 tão importante, fica sempre em segundo plano, eu acho que isso era um aspeto que
92 devia ser melhorado eles deviam estar em pé de igualdade connosco, são colegas
93 também trabalham com a turma.

94 P3: Isso também faz deles mais responsáveis, não também que esteja à frente.

95 P1: É importante também para a família conhecer os outros professores que estão a
96 trabalhar com os seus filhos, criar ali uma relação de segurança, empatia entre a família
97 e os PAEC, eu acho que realmente é um aspeto a melhorar.

98

99 E: Recebeu alguma sugestão dos professores de AEC para lecionar alguma aula em
100 conjunto?

101 P2: Não

102 P1: Em conjunto não, mas em articulação, acho temos trabalhado em articulação os
103 PAEC preocupam-se em saber os temas que estamos a trabalhar, nomeadamente
104 expressão plástica, ela preocupa-se em saber os temas que estamos a trabalhar para
105 articular connosco algumas atividades, em articulação sim.

106 P4: Em atividade física também, tanto que agora vamos ter agora a festa de final de ano
107 e os PAEC é que vão ensaiar as coreografias.

108 P3: Eu acho que nós aqui não nos podemos queixar, porque eles participam com todo o
109 apoio que nós pedimos, no carnaval também, mesmo não só em atividade física com
110 também plástica, não quer dizer que não haja uma situação ou outra mais pontual que
111 não correu também, mas eu acho que no global trabalhamos de uma forma articulada.

112

- 113 E: Presenciou alguma atividade de AEC? Quantas aproximadamente?
- 114 P2: Sim, já presenciei, por ano 2/3 vezes
- 115 P1: 2 /3 vezes por ano
- 116 P3: 2/3 vezes por ano
- 117 P4: 2/3 vezes por ano
- 118
- 119 E: Propôs alguma aula em conjunto com algum professor de AEC?
- 120 P2: Em articulação.
- 121 P1: Em articulação sim, em conjunto a aula no mesmo espaço não.
- 122 P3: Atividades com o dia da criança.
- 123 P4: No agrupamento já realizamos.
- 124
- 125 E: Existe alguma reunião com os professores de AEC? De quanto em quanto tempo?
- 126 P2: No final de cada período.
- 127 P1: Mas depois diariamente, estamos em contato com eles e vamos falando em
- 128 conversas informais.
- 129 P3: Há sempre uma partilha de conversa informal porque nos cruzamos na sala dos
- 130 professores e quando há alguma coisa que não nos encontremos na sala dos professores
- 131 há um telefonema ou um recado, acho que a comunicação é boa.
- 132 P4: (não respondeu)
- 133
- 134 E: Do que é que tratam? A avaliação é trabalhada em conjunto?
- 135 P2: (não respondeu)
- 136 P1: Atividades articuladas, o que é que podemos fazer conjunto...

137 P3: Forma de melhorar o aproveitamento global da turma, o comportamento

138 P4: Tratamos de problemas de comportamento de alunos, o aproveitamento.

139

140 E: Os seus alunos gostam das AEC que a escola oferece?

141 P2: De forma geral sim

142 P1: Atividade física eles gostam imenso

143 P3: Sim

144 P4: Ed f não há nada a apontar.

145

146 E: Nota evolução na turma com o decorrer das AEC?

147 P2: Não tem haver diretamente com a AEC

148 P1: Notamos no decorrer do ano, não está diretamente relacionado com as AEC, no

149 decorrer do ano notamos sempre evolução...

150 P3: (não respondeu)

151 P4: Tenho um feedback porque nós participamos num torneiro de “Bola ao capitão” e o

152 que nos foi dito pelos professores de ed f dos 2.º e 3.º ciclos é que os meninos sabem

153 muito bem as regras participam em grupo muito bem.

154 P1: Não se deve só à atividade é um conjunto em si.

155

156 E: Por fim, têm algo mais a acrescentar sobre este tema?

157 P2: (não respondeu)

158 P1: Voltamos ao inicio, foram concedidas com um propósito mas se calhar não estamos

159 a conseguir atingir os objetivos desejados, há coisas que devíamos reformular estas

160 questões que apontamos aqui todas, a colocação dos colegas, os critérios de seleção, os

161 horários, a remuneração, a integração, o maior envolvimento no que diz respeito à

162 relação com a família, serem chamados para as reuniões de pais, acho que é muito
163 importante a presença deles, dar-lhes outra relevância que eles não estão a ter, acho
164 que era importante também a todos os níveis, também como a remuneração, valorizá-
165 los de outra forma que não estão a ser valorizados.

166 P3: Uma atitude leva à outra, deveríamos ter outras ofertas também.

167 P4: Deveriam ter atividades mais lúdicas.

Anexo II – Entrevista aos alunos

Atividade de Enriquecimento Curricular

- Entrevista aos alunos -

Esta entrevista é realizada no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, em frequência no ISEC Lisboa.

O estudo tem como objetivo, reunir informação sobre as *Atividades de Enriquecimento Curricular*, sendo por isso fundamental a vossa colaboração.

Importa salientar que todas as respostas dadas serão mantidas em total confidencialidade e anonimato, sendo somente utilizadas para tratamento de dados no âmbito do Relatório Final de Mestrado.

Agradeço desde já a participação.

A seguinte entrevista será realizada com o objetivo de reunir informação sobre as AEC. A tua participação será uma mais valia para este estudo, por isso tenta responder com sinceridade e com a tua opinião.

Alunos de 2.º ano (A, B)

Alunos de 3.º ano (C, D)

Alunos de 4.º ano (E, F)

- 1 Entrevistador: Em que ano estás?
- 2 Aluno C: 3.º
- 3 D: 3.º
- 4 F: 4.º
- 5 E: 4.º
- 6 B: 2.º
- 7 A: 2.º
- 8
- 9 E: Sabes o que são as AEC?
- 10 C: Não
- 11 D: Não
- 12 F: São atividades... o E não sei e o C é as curriculares
- 13 E: São educação física e expressão plástica
- 14 B: O mesmo
- 15 A: O mesmo
- 16
- 17 E: Quais as AEC que existem na tua escola?
- 18 C: Expressão plástica com a professora TT / educação física / inglês
- 19 D: Expressão plástica com a professora TT / educação física / inglês
- 20 F: educação física / expressão plástica / inglês
- 21 E: o mesmo
- 22 B: expressão plástica / educação física
- 23 A: expressão plástica / educação física

24

25 E: Quais as AEC que frequentas?

26 C: educação física / inglês

27 D: educação física / inglês

28 F: educação física / inglês

29 E: educação física / inglês

30 B: educação física / expressão plástica

31 A: educação física / expressão plástica

32

33 E: O que fazem durante as AEC?

34 C: Educação física: Desporto / Inglês: palavras a inglês

35 D: EF: Desporto / I: palavras a inglês

36 F: EF: Atletismo, desporto e outras atividades curriculares / I: aprendemos a falar inglês

37 E: I: aprendemos como é o inglês / EF: aprendemos como é o desporto, fazemos e

38 aprendemos

39 B: EF: desporto / EP: atividades papagaios de papel, mascaras...

40 A: EF: desporto / EP: atividades papagaios de papel, mascaras...

41

42 E: Os professores de AEC trazem temas novos para fazeres?

43 C: Sim

44 D: sim

45 F: às vezes

46 E: de vez em quando

47 B: de vez em quando

48 A: às vezes

49

50 E: O que é que já aprendeste nas AEC?

51 C: palavras em inglês

52 D: palavras a inglês / jogos em edf.

53 F: em edf aprendemos a ser atletas e a fazer algo que não conseguimos / no inglês

54 aprendemos essa cultura porque na vida vamos precisar muito.

55 E: edf fazemos jogos, brincamos, aprendemos e no inglês aprendemos outra língua.

56 B: aprendemos vários jogos em edf.

57 A: aprendemos jogos novos em edf e na epl aprendemos a fazer objetos em papel,

58 pinturas e colagens.

59

60 E: Qual a diferença que encontras entre as aulas com a tua professora e as atividades de

61 AEC? Achas que há diferenças? Porquê?

62 C: na de português aprendemos a ler na mat aprendemos a contar e fazer contas no

63 estudo do meio aprendemos sobre o mundo, no inglês aprendemos palavras a inglês e

64 na exppl aprendemos a fazer objetos e na edf aprendemos a fazer jogos

65 D: nas aulas normais nos aprendemos a ler e a fazer textos no pt, na mat aprendemos a

66 fazer contas de dividir, multiplicar e somar e no estudo do meio aprendemos coisas

67 sobre o corpo, o mundo e a natureza, no inglês aprendemos as roupas, os brinquedos,

68 os objetos e na edf fazemos jogos divertidos e várias coisas

69 F: na aulas as diferenças é estamos a dar português que é muito diferente do inglês

70 porque no português aprendemos os adjetivos e os graus e no inglês só palavras, na mat

71 aprendemos as frações, contas de dividir e multiplicar e subtrair no estudo do meio

72 demos o corpo, o que esta constituído nele, as localidades, causas da poluição, no inglês

73 relembramos o que demos no ano anterior e damos matéria nova para os testes que

74 vamos ter

75 E: aprendemos coisas mais aprofundadas no pt, na mat, e no em e no inglês e na edf
76 aprendemos coisas básicas

77 B: em pt aprendemos a ler a escrever, na mat aprendemos contas, no em coisas sobre
78 os animais e na edf novos jogos

79

80 E: Existe alguma diferença grande entre a forma como o professor titular da aula e o
81 professor de AEC?

82 D: às vezes para fazermos os testes os professores TT dão-nos folhas de rascunho e a
83 professora deixa, mas a de inglês ou a de educação física não deixa

84

85 E: Realizaram alguma atividade durante as AEC junto com a professora titular?

86 C: não

87 D: não

88 F: não

89 E: a professora TT faz a expressão plástica connosco porque nós não temos exp pl

90 B: a professora TT também faz epl connosco

91

92 E: Fazem a exp pl com as duas professoras ou fazem a exp pl com a PTT quando a PAEC
93 não está cá?

94 A: não, quando a professora de exp pl não está cá ficamos com o senhor Carlos (auxiliar)
95 sem fazer nada e o edf o mesmo

96

97 E: E com os restantes também acontece o mesmo?

98 C: Sim

99 D: sim

100 F: sim

101 E: sim

102 B: sim

103 A: sim

104

105 E: Gostas de vir à escola?

106 C: Sim

107 D: Sim

108 F: Sim

109 E: Sim

110 B: Sim

111 A: Sim, aprendemos mais coisas do que estar em casa sem fazer nada

112

113 E: Qual a AEC que mais gostas? Porquê?

114 C: ed f porque é mais divertido fazer jogos do que outras coisas

115 D: ed f porque eu gosto de fazer atividades de não estar tanto tempo assim parada só a

116 ver, também gosto de ir lá para fora

117 F: ed f porque estamos ao livre, respiramos melhor o ar

118 E: eu prefiro mais ex pl porque às vezes os professores de ed f repete muito os jogos e

119 nós não gostamos muito de estar a fazer coisas repetitivas e em ex pl fazemos desenhos

120 diferentes, ou recortamos ou colamos ou até aprendemos outras matérias como da

121 outra vez tivemos de dobrar uma folha para fazer um barquinho e medir o perímetro

122 B: eu gosto de ed f porque aprendemos novos jogos aprendemos a saltar à corda e

123 estamos ao ar livre

124 A: eu gosto mais de ed f porque aprendemos mais jogos e divertimo-nos.

125

126 E: Os professores de AEC faltam?

127 C: nao

128 D: nao

129 F: às vezes

130 E: às vezes

131 B: muitas vezes edf

132 A: muitas vezes edf

133

134 E: Se pudesses escolher, continuarias a frequentar as aec? Porquê?

135 C: sim

136 D: também

137 F: sim

138 E: queria ter as mesmas e juntar a de exp pl

139 B: as mesmas porque aprendemos novas coisas a recortar, jogar

140 A: o mesmo

141

142 E: Se pudesses escolher que atividades tinhas nas AEC, quais seriam?

143 C: francês porque gosta de outras línguas

144 D: espanhol porque tenho uma tia na Espanha e gostava de saber falar com ela

145 F: espanhol / música porque eu gosto de aprender música e outras línguas/culturas

146 E: dança / espanhol porque existem outras escolas que tem o espanhol e fico com um

147 bocadinho de inveja

148 B: música porque quero aprender a tocar e me divertir

149 A: música porque também gostava de aprender a tocar e assim aprendíamos mais

Anexo III – Entrevista aos Professores de AEC

Atividade de Enriquecimento Curricular

- Entrevista aos Professores de AEC -

Esta entrevista é realizada no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, em frequência no ISEC Lisboa.

O estudo tem como objetivo, reunir informação sobre as *Atividades de Enriquecimento Curricular*, sendo por isso fundamental a vossa colaboração.

Importa salientar que todas as respostas dadas serão mantidas em total confidencialidade e anonimato, sendo somente utilizadas para tratamento de dados no âmbito do Relatório Final de Mestrado.

Agradeço desde já a participação.

A seguinte entrevista será realizada com o objetivo de reunir informação sobre as AEC. A vossa participação será uma mais valia para este estudo, por isso tente responder com sinceridade e com a sua opinião.

Professor de Expressão Plástica

1 Entrevistador: Qual a vossa opinião sobre a implementação de AEC no ensino básico?

2 Professor: ***“É importante que os alunos tenham contacto com várias atividades e as***

3 ***AECs dão-lhes essa oportunidade por isso estas aulas são mesmo muito importantes”***

4

5 E: Na vossa opinião qual a mais valia das AEC? Porquê?

6 P: ***“São os estímulos diferentes que recebem dos professores faz com que tenham***

7 ***várias ferramentas para o seu futuro”***

8

9 E: Como é feita a gestão da sua AEC, do ponto de vista curricular?

10 P: ***“Autogestão de acordo com aquilo que as turmas estão a trabalhar com os colegas***

11 ***titulares”***

12

13 E: A gestão das AEC por parte do agrupamento é adequada? Porquê? Se não é adequada,

14 o que mudaria, para que as AEC funcionassem melhor?

15 P: ***“Sim. Na verdade, não há muito contacto com o agrupamento, mas as AECs correm***

16 ***muito bem”***

17

18 E: O espaço onde leciona tem condições e é adequado ao bom desenvolvimento das

19 AEC?

20 P: ***“Sim, bastante”***

21

22 E: Existe um documento orientador sobre as competências/objetivos a trabalhar em

23 cada AEC?

24 P: ***“Não”***

25

26 E: Para o desenvolvimento das AEC apresenta algum plano de atividades e planificação

27 mensal/semanal?

28 P: ***“Normalmente não, a não ser que seja uma atividade feita em coordenação com***
29 ***o/a colega”***

30

31 E: Esta planificação é sugerida por quem gere as AEC ou proposta por cada professor?

32 P: ***“Proposta por cada professor”***

33

34 E: Estas planificações e propostas são trabalhadas em conjunto com os professores de
35 AEC?

36 P: ***“Não”***

37

38 E: Concorda com a forma como esta definição/proposta é feita?

39 P: ***“Sim”***

40

41 E: Existe algum trabalho conjunto entre o professor das AEC e o PTT?

42 P: ***“Sim, sempre que necessário”***

43

44 E: Já realizou alguma atividade em articulação com o PTT?

45 P: ***“Ainda não”***

46

47 E: Propôs ou foi-lhe proposta alguma atividade interdisciplinar com o PTT?

48 P: ***“Ainda não”***

49

50 E: No que é que se baseia para planificar ou dar as suas aulas?

51 P: *“Principalmente naquilo que os alunos gostam mais de fazer. Vou ao encontro*
52 *daquilo que eles pedem para fazer/experimentar enquadrando tudo para que eles*
53 *aprendam o máximo”*

54

55 E: Tem objetivos a atingir no final do ano?

56 P: *“Sim”*

57

58 E: Quais são os tipos de atividades que os alunos mais aderem?

59 P: *“Atividades abstratas que estimulem a imaginação”*

60

61 E: Para conclusão da entrevista, que alterações faria ao modo de funcionamento das
62 AECs?

63 P: *“Acho que algumas atividades poderiam ser integradas no horário da manhã, tal*
64 *como as visitas de estudo poderiam ser feitas com o acompanhamento dos professores*
65 *das AECs para que os alunos se sintam tão à vontade com os colegas titulares como*
66 *com os colegas das AECs. No tempo do funcionamento das AECs acho que não há*
67 *necessidade de haver alteração, estas alterações são apenas na relação entre os*
68 *professores e os alunos.”*

69

70 E: Gostariam de acrescentar alguma coisa sobre esta temática?

71 P: *“Não”*

72

Anexo IV – Entrevista à coordenadora

Atividade de Enriquecimento Curricular

- Entrevista à coordenadora -

Esta entrevista é realizada no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, em frequência no ISEC Lisboa.

O estudo tem como objetivo, reunir informação sobre as *Atividades de Enriquecimento Curricular*, sendo por isso fundamental a vossa colaboração.

Importa salientar que todas as respostas dadas serão mantidas em total confidencialidade e anonimato, sendo somente utilizadas para tratamento de dados no âmbito do Relatório Final de Mestrado.

Agradeço desde já a participação.

- 1 Entrevistador: Qual a sua opinião sobre as AEC?
- 2 Coordenadora: Acho que não funcionam tão bem quanto aquilo que se esperava, o
3 objetivo era ajudar as famílias para que os meninos estivessem outras atividades não
4 letivas, em vez de estarem em colégios. Só que nos moldes de colocação de professores
5 não funciona bem e às vezes quando alguém desiste é porque são mal pagos, quando
6 alguém falta podiam ser substituídos também não são enquanto não houver um
7 concurso como deve de ser, não resulta muito.
- 8
- 9 E: Considera uma mais valia para a formação dos alunos?
- 10 C: Sim, com pessoas bem enquadradas, o objetivo às vezes também não é bem
11 transmitido às pessoas que vêm, não consegue dar aquilo que é o objetivo das AEC
12 alguns muito bem outros não têm tão boa formação.
- 13
- 14 E: Quais considera serem as maiores vantagens e desvantagens da
15 introdução das AEC no horário das crianças?
- 16 C: O ideal será depois das atividades letivas, era o grande objetivo. As vantagens serão
17 se fossem no final do horário, no meio acaba por prejudicar e acaba por ser uma aula
18 que já não vai ter o mesmo efeito do que se fosse tudo seguido. As desvantagens é
19 quebrar o ritmo de sala de aula.
- 20
- 21 E: Conhece a formação dos professores de AEC a lecionar na escola?
- 22 C: Não, eles são postos aqui, tem de ter a Atividade Física e Desportiva formação nessa
23 área, como Expressão Plástica como Música, que também já tivemos, mas formação
24 propriamente não tem, as pessoas são escolhidas porque tem formação nessa área mas
25 se estão adequados para virem dar uma AEC talvez não se vá a esse pormenor.
- 26
- 27 E: Sabe ou conhece a experiência dos professores que lecionam AEC na

28 escola?

29 C: Quando eles chegam e estão aí há vários anos, nós vamo-nos apercebendo de que
30 sim. Não conheço, apenas alguma formação. Os professores têm programas, mas
31 geralmente não vão buscar esses programas.

32

33 E: Considera que os alunos gostam de frequentar as AEC? Porque?

34 C: No geral sim, eles gostam de frequentar, gostam de Atividade Física e Desportiva,
35 gostam de Expressão Plástica. O comportamento nem sempre é adequado por falta de
36 algumas regras, mas no geral sim.

37

38 E: Considera que a oferta de AEC na escola se adequa ao que os alunos

39 mais gostam?

40 C: A Atividade Física e Desportiva sim, a Expressão Plástica também embora muitos
41 professores também façam, gostava de ter música porque acho que era essencial, ou
42 Expressão Plástica dramática acho que era importante para os meninos terem essa
43 parte.

44

45 E: Considerando as atividades de AEC que existem na escola, acha que

46 os espaços são adequados?

47 Se sim, porque?

48 Se não, porque?

49 C: Infelizmente não, para a Atividade Física e Desportiva só há um espaço adequado de
50 resto tem de ser fora, o pátio não está bom, tem de levar uma volta, umas obras,
51 precisava de um pavilhão para se poder fazer como deve ser a atividade.

52

53 E: E relativamente aos materiais e recursos físicos, considera adequados?

54 C: Os recursos físicos não são adequados porque só temos um espaço apropriado e
55 mesmo assim é um local de passagem e interior, depois quando é inverno é na sala de
56 aula e fazem se outras coisas que não propriamente a Atividade Física e Desportiva. Os
57 materiais, por enquanto temos tido, graças a deus, têm se mantido alguns, é um escola
58 que tem materiais, de inicio quando se iniciou as AEC arranhou-se um bocado bom para
59 pedir materiais, mas agora já estão a ficar deteriorados.

60

61 E: Existe algum tipo de articulação das AEC com a comunidade? Como?

62 C: Já houve quando fizemos a nossa festa de final de ano, cada turma apresentava
63 qualquer coisa e contavam com apoio dos PAEC, ultimamente não temos tido porque as
64 festas eram muito longas. Geralmente pedimos a colaboração dos professores de
65 Atividade Física e Desportiva para as festas. Com a comunidade em si não porque o
66 grande problema é que se eles fossem bem pagos faziam mais, estavam mais presentes
67 para adaptar outras coisas. Há uns anos tivemos uma colega de Atividade Física e
68 Desportiva que fez um trabalho bom na área da obesidade com os pais.

69 Neste momento não porque não tem disponibilidade, tem outros empregos que depois
70 não conseguem ir a tudo.

71

72 E: Com os professores titulares? Como?

73 C: Geralmente sim, falam conversam na parte do que vão dar, na maioria dos casos sim.
74 Combinam o que vão dar e não, o que é melhor na parte do comportamento, vão se
75 encontrando e falam, nas reuniões de avaliação tem de dizer a sua parte.

76 Nem todos tem essa articulação que devia existir.

77

78 E: Com a coordenação? Como?

79 C: Com a coordenação é mais em termos administrativos, conversa sobre o que falta de
80 material como está a correr do que é que precisam, cada um tem a sua liberdade de
81 conversar, tento incentivar para isso. De resto não.

82

83 E: Com o agrupamento de escolas? Como?

84 C: Mais em termos de os colocar cá, comunicar as faltas e pouco mais porque está cá a
85 coordenação, para comunicar que não está a resultar com este colega ou não é tão bom,
86 só a esse nível. Pedem para articular apenas com o curso de verão que é em articulação
87 com uma escola americana, mas não são todas as escolas.

88

89 E: Existe algum tipo de apoio por parte do agrupamento aos professores de AEC ou à
90 escola? Como, pode concretizar?

91 C: O apoio que eles davam, também em articulação, há dois anos, reuniam e articulavam
92 com os professores de AEC e conseguiam decidir o que iam dar e não.

93

94 E: Gostariam de acrescentar alguma coisa sobre esta temática?

95 C: Acho que era importante para os alunos estarem ocupados, bem ocupados e não ser
96 só para encher o horário dos mesmos.

Anexo V – Recado aos pais dos alunos

Assunto: Participação em estudo sobre – Atividades de Enriquecimento Curricular.



Bom dia,

Eu, Diana Rodrigues, aluna do 2.º ano do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no ISEC Lisboa.

No âmbito do Relatório Final de Mestrado, estou a desenvolver um estudo sobre as Atividades de Enriquecimento Curricular, sendo a vossa participação fundamental e da maior importância para conhecer a opinião dos encarregados de educação sobre esta temática.

Neste sentido, junto em anexo um questionário que peço que seja preenchido e devolvido pela mesma via.

Importa salientar que todas as respostas dadas no questionário serão mantidas em total confidencialidade e anonimato, sendo somente utilizadas para tratamento de dados no âmbito do Relatório Final de Mestrado.

Agradeço desde já a sua participação!

Atenciosamente,

Diana Assunção Feliciano Rodrigues

Anexo VI – Questionários aos pais

Atividade de Enriquecimento Curricular

- Questionário para Encarregados de Educação -

Este questionário é realizado no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, em frequência no ISEC Lisboa.

O estudo tem como objetivo conhecer e compreender a opinião dos pais e encarregados de educação sobre as *Atividades de Enriquecimento Curricular*, sendo por isso fundamental e da maior importância a vossa colaboração.

Importa salientar que todas as respostas dadas serão mantidas em total confidencialidade e anonimato, sendo somente utilizadas para tratamento de dados no âmbito do Relatório Final de Mestrado.

Agradeço desde já a participação.

Identificação do/a Participante

Idade:

- 20 – 30 anos
 31 – 40 anos
 41 – 50 anos
 51 – 60 anos
 61 ou mais anos

Grau de Parentesco:

- Mãe
 Pai
 Avó
 Avô
 Outro. Qual? _____

Género:

Feminino

Masculino

Habilitações Literárias: _____

Profissão: _____

Responda às questões abaixo assinalando com um X a opção que melhor vai ao encontro da sua opinião e/ou parecer pessoal.

5. Conhece o Projeto Educativo do Agrupamento?

Sim Não

6. Conhece o Regulamento Interno?

Sim Não

7. Conhece o programa do Agrupamento das AEC?

Sim Não

8. Qual a sua opinião, no geral, sobre o funcionamento da AEC?

Muito boa Boa Satisfatória Insuficiente Sem opinião

9. As AEC promoveram novas aprendizagens e conhecimentos aos alunos?

Sim Não

10. Notou diferenças no seu educando com a frequência na AEC de Educação Física e Motora?

Muita Alguma Nenhuma

11. Notou diferenças no seu educando com a frequência na AEC de Expressão Plástica?

Muita Alguma Nenhuma

12. As AEC nesta escola são suficientes?

Sim Não Sem opinião

13. Seria importante existirem outras AEC nesta escola? Quais?

Sim Não AEC de: _____

14. Os professores de AEC preocupam-se em controlar / minimizar os problemas disciplinares?

Sim Não Sem opinião

15. Os professores de AEC promovem a participação de todos os alunos nas suas aulas?

Sim Não Sem opinião

16. Os professores de AEC desenvolvem estratégias de aprendizagem diferenciadas?

Sim Não Sem opinião

17. A escola promove a participação dos pais nas AEC?

Sim Não Sem opinião

18. A escola tem condições para a prática de Educação Física e Motora?

Sim Não Sem opinião

19. A escola tem materiais para a prática de Educação Física e Motora?

Sim Não Sem opinião

20. A escola tem condições para a prática de Expressão Plástica?

Sim Não Sem opinião

21. A escola tem materiais para a prática de Expressão Plástica?

Sim Não Sem opinião

Obrigado pela sua participação neste questionário, as suas respostas serão fundamentais para o desenvolvimento de um bom trabalho e para futuras conclusões.